



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E COMUNICAÇÃO E ARTES
HISTÓRIA LICENCIATURA

ALEXANDRE LESSA FERREIRA

**DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E SUAS CONSEQUÊNCIAS: UM BREVE
HISTÓRICO SOBRE A INDÚSTRIA TÊXTIL NO BRASIL E EM ALAGOAS**

MACEIÓ – AL
2022

ALEXANDRE LESSA FERREIRA

**DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E SUAS CONSEQUÊNCIAS: UM BREVE
HISTÓRICO SOBRE A INDÚSTRIA TÊXTIL NO BRASIL E EM ALAGOAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciado em História pelo Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

Orientador: José Roberto Santos Lima

MACEIÓ – AL
2022

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central

Bibliotecário: Cláudio César Temóteo Galvino – CRB4/1459

F383b Ferreira, Alexandre Lessa.

Um breve histórico da revolução industrial para as indústrias têxteis no Brasil e em Alagoas: a
Fábrica Carmen de Fernão Velho / Alexandre Lessa Ferreira. – 2022.
66 f.

Orientador: José Roberto Santos Lima.

Monografia (Trabalho de conclusão de curso em História) – Instituto de Ciências
Humanas, Comunicação e Artes, Curso de Graduação em História, Universidade
Federal de Alagoas. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 59-66.

1. Revolução industrial. 2. Industrialização. 3. Alagoas I. Lima, José Roberto Santos.
II. Título.

CDU: 364.124.2(813.5)

Dedico a minha família, pais e irmãos que em todos os momentos me incentivaram e deram lições de vida mostrando o valor da dignidade e honestidade que uma pessoa pode ter.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado esta oportunidade e por ter me guiado até aqui me dando força e orientação nos momentos em que mais precisei.

Agradeço aos meus pais Eronildes Ferreira Lima e Alaíde Lessa de Lima Ferreira, minha esposa e meus filhos e a todos da minha família por acreditar e estarem sempre me apoiando para eu não desistir.

Agradeço ao professor José Roberto Santos Lima pelos ensinamentos e paciência em toda a realização do meu trabalho.

Agradeço aos amigos que me ajudaram direta e indiretamente na realização deste trabalho, em especial Daniella Alves pela paciência que teve comigo nos momentos em que eu mais precisei de explicações e orientações. Agradeço por todo o conhecimento adquirido.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que me ajudaram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

“Não me envergonho de mudar de ideia,
porque não me envergonho de pensar”.

(Blaise Pascal)

“Não se mede o valor de um homem
pelas suas roupas, ou pelos bens que
possui, o verdadeiro valor do homem é o
seu caráter, suas ideias e a nobreza dos
seus ideais”.

(Charles Chaplin)

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) objetivou apresentar um breve estudo sobre o processo de formação da Indústria Têxtil que ocorreu através da Revolução Industrial na Inglaterra em meados do século XVIII, abrangendo sua instalação no Brasil, em Alagoas e enfatizando a pioneira na atividade têxtil a Companhia União Mercantil que era situada em Fernão Velho. Através de pesquisas bibliográficas realizadas em livros, artigos acadêmicos, revistas eletrônicas e sites especializados, por meio de levantamento histórico, buscou-se descrever sobre a transição do trabalho que, a princípio, era manual e passou a ser feito através de máquinas industriais, bem como analisar os impactos positivos e negativos gerados na sociedade pelas mudanças ocorridas. Espera-se, que estudo bibliográfico revele aos leitores uma compreensão sobre a transição de um modo de vida rústico para um modo de vida industrial que gerou várias consequências na sociedade e uma reflexão sobre as condições de trabalho que eram, em geral, desumanas e como as lutas trabalhistas foram mudando aos poucos o cenário daqueles que precisavam manter suas famílias.

Palavras chave: Revolução Industrial, industrialização, Alagoas.

ABSTRACT

This Course Conclusion Paper (TCC) aimed to present a brief study on the process of formation of the Textile Industry that occurred through the Industrial Revolution in England in the mid-18th century, covering its installation in Brazil, in Alagoas and emphasizing the pioneer in textile activity Companhia União Mercantil, which was located in Fernão Velho. Through bibliographical research carried out in books, academic articles, electronic journals and specialized websites, through a historical survey, we sought to describe the transition from work that, in the beginning, was manual and started to be done through industrial machines, as well. how to analyze the positive and negative impacts generated on society by the changes that have taken place. It is hoped that a bibliographic study will reveal to readers an understanding of the transition from a rustic way of life to an industrial way of life that generated several consequences in society and a reflection on the working conditions that were, in general, inhumane and how the Labor struggles gradually changed the scenario of those who needed to support their families.

Keywords: Industrial Revolution, industrialization, Alagoas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01. Revolução Industrial: Oficina artesanal do século XVIII.....	13
Figura 02. Revolução Industrial: Trabalhadores e a mecanização das fábricas.....	16
Figura 03. Revolução Industrial: Trabalho feminino e infantil.....	18
Figura 04. Revolução Industrial: Mulheres e crianças operárias.....	20
Figura 05. Distribuição territorial de fábricas têxteis em Alagoas, período 1857 – 1900.....	30
Figura 06. Companhia União Mercantil.....	31
Figura 07. Praça 15 de outubro e a Fábrica Cachoeira em Rio Largo.....	32
Figura 08. Companhia Progresso Alagoano, em Rio Largo.....	33
Figura 09. Vista aérea da Companhia Pilarense e Fiação e Tecidos: Pilar – AL.....	35
Figura 10. Companhia Penedense Industrial.....	36
Figura 11. Companhia de Fiação e Tecidos de São Miguel.....	38
Figura 12. Fábrica Alexandria.....	39
Figura 13. Fábrica da Pedra S/A.....	41
Figura 14. Companhia de Fiação e Tecidos Norte Alagoas.....	42
Figura 15. Alagoas: Fábrica de Fiação e Tecidos Vera Cruz.....	43
Figura 16. Alagoas: Fábrica de Tecidos Piaçabuçu – AL.....	44
Figura 17. Fernão Velho: mapa do bairro.....	45
Figura 18. Mapa da APA do Catolé e de Fernão Velho.....	46
Figura 19. Cine Tetro São José.....	49
Figura 20. Antiga localização do Cine Teatro.....	50
Figura 21. Colégio operário São José.....	51
Figura 22. Igreja São José.....	51
Figura 23. Fachada da Fábrica Carmen.....	53
Figura 24. Casarão.....	54
Figura 25. Fábrica Carmen e parte da Vila Operária.....	55
Figura 26. Recreio Operário.....	56

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. CAPÍTULO I. UM PEQUENO RECORTE DA INDÚSTRIA TÊXTIL NA INGLATERRA	13
1.1. Revolução Industrial.....	13
1.2. Impactos da Revolução Industrial sobre a sociedade.....	15
1.3. Consequências da Revolução Industrial.....	16
1.4. As condições de trabalho nas atividades ligadas ao ramo têxtil.....	17
1.5. As condições de trabalho de mulheres e crianças.....	18
1.6. Formação da classe operária e movimentos operários.....	20
2. CAPÍTULO II. DAS ORIGENS DA REVOLUÇÃO INGLESA À CHEGADA DA INDÚSTRIA TÊXTIL NO BRASIL E EM ALAGOAS	23
2.1. Algodão.....	25
2.2. As Indústrias Têxteis em Alagoas: um recorte histórico.....	27
2.3. Decreto Nº 19.739.....	28
2.4. Cotidiano das fábricas.....	29
2.5. As fábricas de fiação e/ou tecelagem no estado de Alagoas.....	30
2.5.1. Companhia União Mercantil – Fernão Velho.....	30
2.5.2. Fábrica Cachoeira – Rio Largo.....	32
2.5.3. Fábrica Progresso – Rio Largo.....	32
2.5.4. Companhia Alagoana de Fiação e Tecido – CAFT.....	33
2.5.5. Companhia Pilarense de fiação e tecidos – Pilar.....	34
2.5.6. Companhia Penedense Industrial – Penedo.....	36
2.5.7. Companhia Fiação e Tecidos São Miguel – São Miguel dos Campos.....	37
2.5.8. Fábrica Alexandria – Bom Parto.....	38
2.5.9. Companhia de Fiação e Tecidos Santa Margarida – Jaraguá.....	39
2.5.10. Fábrica da Pedra S/A – Fiação e Tecelagem – Delmiro Gouveia.....	40
2.5.11. Companhia de Fiação e Tecidos Norte Alagoas – Distrito Saúde Maceió.....	41
2.5.12. Fábrica de Fiação e Tecidos Vera Cruz – São Miguel dos Campos.....	43
2.5.13. Fábrica Marituba – Piaçabuçu.....	44

3. CAPÍTULO III. DE UNIÃO MERCANTIL À FÁBRICA CARMEN DE FERNÃO VELHO: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS	44
3.1. Na época da Companhia União Mercantil: Considerações sobre Fernão Velho.....	44
3.2. Formação da Companhia União Mercantil e da Vila Operária de Fernão Velho.....	47
3.3. Gestão do grupo Machado – 1891 a 1938.....	48
3.4. Gestão da família Leão – 1938 a 1943.....	52
3.5. Na época da Fábrica Carmen: Gestão do grupo Othon – 1943 a 1996.....	53
3.6. Condições de trabalho na Fábrica Carmen.....	56
3.7. Representações operárias – o sindicato.....	56
3.8. Movimentos grevistas: Greve pelo salário-mínimo.....	57
3.9. Greve das tecelãs – Mulheres de Ferro.....	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61

INTRODUÇÃO

A industrialização foi um grande marco que ocorreu com a Revolução Industrial, na Inglaterra em meados do século XVIII, trazendo avanços tecnológicos em vários setores de produção. Um dos setores em que houve grandes mudanças foi o do ramo têxtil, no qual ocorreu a passagem do trabalho manual (artesanato) à indústria mecânica que gerou drásticas mudanças na sociedade, pois o trabalho do artesão foi desvalorizado e passou a ser feito por qualquer pessoa que tivesse condições de manejar uma máquina, o que ocasionou redução de seu salário, e sem condições de continuar em seu ofício migraram para as cidades em busca de melhores condições de trabalhos e com isso a sociedade foi dividida em dois grupos, burguesia e proletariado.

As péssimas condições de trabalho é um dos fatores que mais chamam atenção da indústria têxtil, condições estas que levaram a classe trabalhadora a se organizar e a lutar por seus direitos, criando sindicatos formados por pessoas que os representassem legalmente e futuramente contribuindo com criação de leis que vieram a garantir seus direitos.

Um breve histórico sobre a industrialização no setor têxtil, faz-se necessário, para que haja uma exposição e entendimento sobre as severas mudanças que a modernização impôs, principalmente a classe trabalhadora que foi substituída por máquinas.

Para a elaboração deste trabalho foram feitas pesquisas bibliográficas realizadas em livros, artigos acadêmicos, revistas eletrônicas e sites especializados com informações sobre o tema de pesquisa proposto.

Para proporcionar um melhor entendimento, a presente monografia foi dividida em três capítulos. O primeiro capítulo traz uma análise histórica do cenário mundial, analisando como a Revolução Industrial transformou a Indústria Têxtil, descrevendo suas consequências na sociedade. O segundo capítulo, traz um breve histórico de como a indústria têxtil chegou ao Brasil e as dificuldades que houve em sua instalação, e também em Alagoas, onde é mostrado um breve histórico de cada

indústria instalada no Estado. O terceiro capítulo, traz um recorte sobre a Fábrica Carmen em Fernão Velho desde a sua fundação, até seu fechamento.

O presente trabalho visa descrever através de um recorte histórico sobre as mudanças e consequências geradas pela industrialização ocorridas na indústria têxtil.

1. CAPÍTULO I: UM PEQUENO RECORTE DA INDÚSTRIA TÊXTIL NA INGLATERRA

1.1. Revolução Industrial

A indústria têxtil surgiu com a primeira revolução industrial que ocorreu na Inglaterra no século XVIII (1760 a 1850), na qual houve a substituição do trabalho manual (artesanato) pelo assalariado, através do uso de máquinas, para a confecção dos produtos. Antes da criação das fábricas, a produção de bens era artesanal e feitos por encomenda num processo denominado de manufatura, sendo as mesmas entregues aos comerciantes em datas marcadas pelo mestre da oficina. O artesanato era uma forma de produção industrial de caráter familiar, na qual o artesão trabalhava com sua família em sua própria residência, realizando todas as etapas da produção¹.

Revolução industrial: oficina artesanal do século XVIII

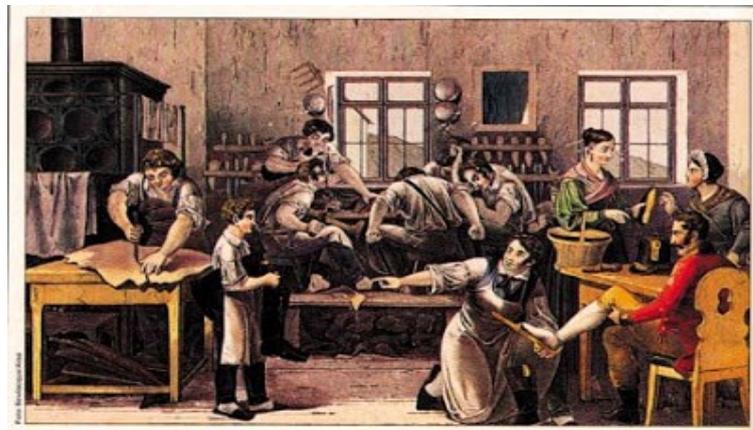


Figura 01. Fonte: Projeto História, 2011

1 CAVALCANTE, Z. V.; SILVA, M. L. S. **A importância da Revolução Industrial no mundo da Tecnologia.** 2011

No século XIX passou a ser realizado em oficinas, nas quais aprendizes capacitavam-se nas técnicas que eram passadas por mestres artesãos e atuavam recebendo roupas e comidas. O artesanato era muito valorizado, mas o panorama mudou, drasticamente, com a invenção da máquina a vapor por James Watt e passou por uma grande desvalorização, na qual houve a especialização do trabalho, ou seja, contribuía apenas numa parte da fabricação do produto e sendo submetido a jornadas exaustivas de trabalho e baixos salários².

A Revolução Industrial teve início na Inglaterra em meados do século XVIII, principalmente a partir do aperfeiçoamento da máquina a vapor por James Watt, em 1760, sendo a indústria têxtil a primeira a utilizar a nova tecnologia, e caracterizou-se pela passagem da manufatura à indústria mecânica; pelo domínio da energia de fonte inanimada perante a força humana e animal; e pela melhora dos métodos de extração e transformação das matérias-primas. Outras transformações também, trouxeram melhorias, tais como “urbanização, a diminuição das taxas de mortalidade e natalidade, constituição de uma burocracia governamental centralizada, desenvolvimento de um sistema de educação para capacitação e socialização das crianças”, no entanto, não houve igualdade no ambiente de progresso, aumentando as diferenças entre ricos e pobres, gerando conflitos de classe³.

Vários foram os fatores que influenciaram a Revolução Industrial ocorrida no século XVIII, e no caso do ramo têxtil foi o algodão. A indústria algodoeira britânica, originou-se como um subproduto do comércio ultramarino que produzia fustão (mistura de algodão e linho) e chita (tecidos indianos de algodão). No século XVIII, a indústria algodoeira se desenvolveu próximo dos maiores portos coloniais e do grande centro do comércio de escravos, os quais eram comprados, em parte, com produtos de algodão indiano e induzida pelo comércio colonial ao qual estava ligada a indústria, mas como o interesse industrial estabelecido prevaleceu na Grã-Bretanha, os interesses mercantis da Índia Oriental foram “empurrados para trás”. Os primeiros estabelecimentos foram destruídos e houve proibições contra a produção e exportação do produto. A Índia foi sistematicamente desindustrializada e passou de exportador a mercado para os produtos de algodão da região de

2 Id, 2011

3 LIMA, E. C. De; NETO, C. R. de O. **Revolução Industrial**: considerações sobre o pioneirismo industrial inglês. Revista Espaço Acadêmico, 2017. n. 194.

Lancashire. Entre 1750 e 1769, a exportação britânica de tecidos de algodão aumentou mais de dez vezes e por volta de 1800, tornou-se um importante fator da economia da Inglaterra, pois foi através da produção de tecidos que houve a passagem da manufatura para o sistema fabril⁴.

1.2. Impactos da Revolução Industrial sobre a sociedade

Várias foram as consequências da Revolução Industrial, para a sociedade, que estão relacionadas a cada fase do processo de evolução tecnológico, na qual transformou as relações sociais, as relações de trabalho, o sistema de produção, estabelecendo novos padrões de consumo e uso dos recursos naturais. As principais consequências foram a passagem na manufatura para a maquinofatura, ou seja, a substituição do trabalho humano por máquinas; o êxodo rural, ocasionando o crescimento desenfreado das cidades; o aumento de indústrias; a organização da sociedade em dois grupos: a burguesia versus o proletariado.

A Revolução Industrial ocasionou uma série de mudanças estruturais da sociedade, determinada pela substituição da ferramenta pela máquina, no caso da indústria têxtil, na qual o trabalhador teve seu ofício desvalorizado, pois estas substituíram artesãos especializados e podiam ser manejadas por qualquer pessoa, com isso suas mercadorias foram desvalorizadas causando redução em seu salário. Os tecelões manuais da indústria de algodão são os operários que se encontram em pior situação, possuindo o salário mais baixo⁵.

No final do século XVIII, as pessoas não estavam conseguindo mais ganhar a vida no campo, onde criavam animais e produtos para o próprio consumo e comercializavam nas feiras das cidades, e passaram a migrar para as cidades, em busca de melhores condições de vida⁶. Nas indústrias, a produção era regulada pelo desempenho e limitações das máquinas, assim qualquer melhoria técnica em sua estrutura era motivo para modificar o modo de operação, e para cada melhoria ou aperfeiçoamento numa máquina vários operários eram demitidos gerando miséria, sofrimento e crise⁷.

4 HOBBSAWN, Eric. **A era das revoluções: 1789 – 1848**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2010.

5 ENGELS, Friedrich. **A atuação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2010 388p.

6 KLAUCK et all. **Tempos modernos – A Revolução Industrial e suas consequências**. 2015

7 MENDES, Maria. **Primeira revolução industrial**. 2018

Revolução Industrial: trabalhadores e a mecanização das fábricas

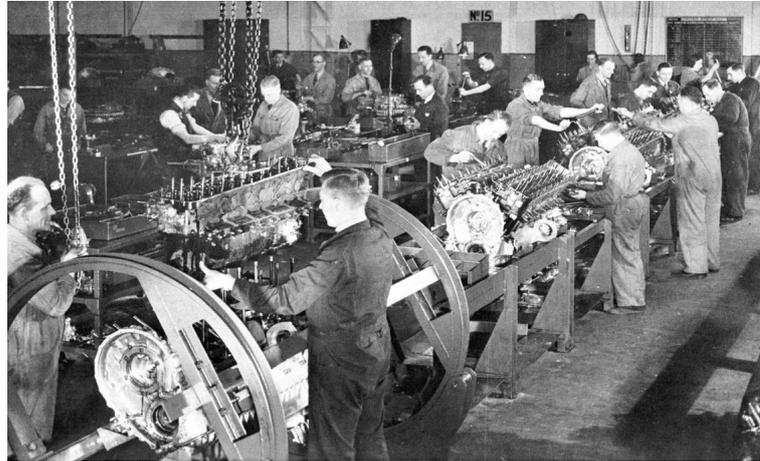


Figura 02. Fonte: BEZERRA, 2019

As cidades cresceram, mas com frequência eram sujas, superlotadas e insalubres. De acordo com Hobsbawn, o crescimento das cidades e áreas industriais se deu sem planejamento e sem supervisão, deste modo os serviços básicos da cidade, foram comprometidos, ocasionando o reaparecimento das grandes epidemias de doenças, tais como, cólera, tifo e febre recorrente⁸. Como não havia trabalho para todas as pessoas nas fábricas, formou-se uma imensa massa de pessoas desempregadas que passou a mendigar e viver de pequenos crimes, o alcoolismo, o infanticídio, a prostituição, o suicídio e a demência estão relacionados com esta tragédia econômica e social.

1.3. Consequências da Revolução Industrial

O progresso tecnológico provocou uma revolução produtiva, onde foi difundida a indústria têxtil e a mineração, na qual as máquinas passaram a produzir em série, surgindo assim, a indústria do aço e das máquinas. Com a Revolução Industrial veio o conceito de emprego, pois provocou a necessidade de organizar o trabalho desde o manejo com grandes instalações até a estruturação de muitas pessoas⁹.

8 HOBRAWN, Eric. A Era das Revoluções: 1789 – 1848. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2010. Tradução Maria Texeira e Marcos Penchet. 33º ed.

9 CHIAVENATO, Idalberto. Introdução à teoria geral da administração: uma visão abrangente da moderna administração das organizações. 2003

Na manufatura, o trabalhador conhecia todo o processo produtivo da mercadoria, com a produção em série e “para aumentar ao máximo o desempenho dos operários, as fábricas subdividem a produção em várias operações, e cada trabalhador passa a executar uma única parte e sempre da mesma maneira em uma linha de montagem”, surgindo assim, a hierarquização dentro das fábricas, onde “grupos de operários passam a subordinar-se a um supervisor, grupos de supervisores passam a subordinar-se a um chefe e grupo de chefes a um gerente, formando uma verdadeira pirâmide hierárquica”. A Revolução Industrial provocou enorme êxodo rural, urbanização crescente, provocando um grande número de pessoas empregadas em péssimas condições de trabalho e pessoas desempregadas com péssima qualidade de vida¹⁰.

1.4. As condições de trabalho nas atividades ligadas ao ramo têxtil

Início da primeira revolução industrial, as condições de trabalho nas fábricas têxteis eram precárias e com o capitalismo avançando, os donos de indústrias, visando apenas lucro, submetiam o trabalhador a exaustivas jornadas laborais e a péssimas condições de trabalho, expondo-o a ambientes insalubres que ofereciam risco e danos à saúde e à sua integridade física. Além disso, houve o recrutamento de mão de obra de mulheres e crianças, por serem menos propensos a revoltas, que eram submetidas as mesmas condições de trabalho, porém, com o salário inferior ao dos homens adultos¹¹.

A concentração da mão de obra nas fábricas originou exigências novas na organização do trabalho. Os primeiros fabricantes encontraram dificuldades em aliciar trabalhadores, devido à concorrência das máquinas e a rigidez da disciplina nas fábricas estes recusavam o trabalho, apenas a população expulsa dos campos e as crianças assistidas pelas paróquias trabalhavam por necessidade nas indústrias. A contratação de mulheres e crianças pela indústria têxtil inglesa, se deu ao fato, também, de ser mão de obra de baixo custo, e estes se sujeitavam ao trabalho industrial como forma de complementar a renda familiar¹².

10 Id., 2003, p. 69

11 MENDES, Maria. Op. cit.

12 LONGHI, T. C.; SANTOS, F. A. N. V. Uma análise crítica das condições de trabalho na indústria têxtil desde a industrialização do setor até os dias atuais. 2016

1.5. As condições de trabalho de mulheres e crianças

Devido ao baixo salário dos homens, considerados como chefes de família, não mais garantir a subsistência familiar e o desemprego, a mulher passou a trabalhar executando dupla jornada de trabalho (no âmbito doméstico e na fábrica), em razão das necessidades pela sobrevivência.

Em alguns casos, o trabalho feminino na fábrica desagrega completamente a família, a mulher trabalhando diariamente doze ou treze horas na fábrica e com o homem também ocupado, os filhos crescem com pais e mães ausentes, gerando consequências morais para os cônjuges e para as crianças; em outros casos, a família se desorganiza, sendo a mulher que mantém a casa e o homem desempregado cuida das crianças e da vida doméstica. Já entre as solteiras, o trabalho na fábrica iniciava-se na infância, já aos nove anos e estas não tinham oportunidade de familiarizar-se com os trabalhos domésticos, sendo assim, inexperientes e incapazes de se tornarem boas donas de casa¹³.

Revolução industrial: Trabalho feminino e infantil

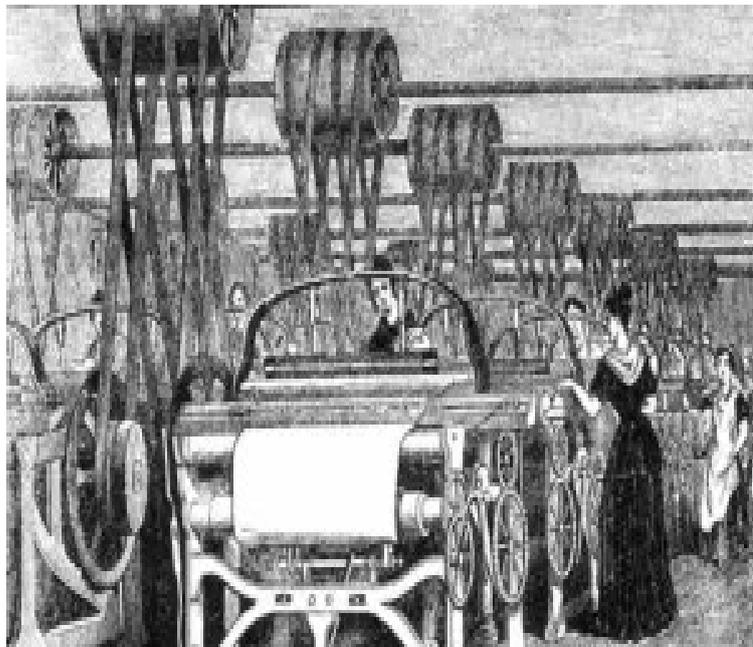


Figura 03. Fonte: FORNAZIERI, 2015

13 ENGELS, Friedrich. Op. cit., p. 183

Engels, também menciona, a respeito do assédio sexual sofrido pelas mulheres nas fábricas

A inevitável e compulsória proximidade física de indivíduos de ambos os sexos e de idades variadas, que não receberam nenhuma formação intelectual e moral, amontoados num único espaço de trabalho e a promiscuidade que daí resulta não constituem certamente as condições mais indicadas para o desenvolvimento do caráter feminino. O industrial, mesmo se está atento a essa realidade, só pode intervir quando ocorre algo de escandaloso; mas não pode impedir e, menos ainda, oferecer alternativas à influência constante, menos visível, exercida por caracteres dissolutos especialmente sobre os mais jovens – e essa influência é a mais nefasta. (2010, p. 186)

“Ao longo da história, o trabalho infantil era adotado pelas famílias submetidas à pobreza, por concepções religiosas, ou pelo caráter disciplinador e educador da formação humana” e durante a Revolução Industrial foi uma característica muito marcante¹⁴.

Por serem pobres, tinha-se a ideia de que as crianças deveriam trabalhar para que fossem protegidas do mundo do crime e marginalidade, nesse contexto as crianças eram utilizadas nos trabalhos fabris. Em função das pequenas dimensões das máquinas e também era a fase em que eram julgadas capazes de atenção e obediência, as crianças iam ao trabalho dos 4 a 5 anos de idade. A legislação inglesa, relativa a assistência que as paróquias deviam aos pobres, contribuiu para os abusos na exploração do trabalho infantil, na qual as paróquias assinaram contratos de aluguel como fabricantes interessados e grupos de crianças eram enviados para as fábricas. As crianças trabalhavam de 14 a 18 horas por dia e eram vítimas de brutalidades e torturas¹⁵.

Devido ao tratamento cruel dado as crianças nas fábricas, seus pais não ficaram indiferentes, “ingressaram nas lutas pela redução da jornada de trabalho, contribuindo para a formação de Comitês pela Redução da Jornada dos

14 NUNES, Isaias Barbosa. O trabalho infantil na Revolução Industrial Inglesa: uma contribuição ao trabalho docente na sétima série. 2019

15 NIVEAU, M. Histórias dos fatos contemporâneos. 1969.

Trabalhadores, contra os quais houve a formação das Comissões das Fábricas que defendiam os interesses dos patrões¹⁶.

Revolução Industrial: Mulheres e crianças operárias



Figura 04. Fonte: HISTÓRIA EM CARTAZ, 2015

Em 1796, com o aperfeiçoamento das máquinas foi crescendo a oferta de trabalho para jovens e adultos, diminuindo assim, o trabalho infantil e a idade mínima passou a ser superior a oito ou nove anos¹⁷.

Gradativamente, o trabalho de mulheres foram limitados; o trabalho das crianças foram proibidos; o direito de greve e a limitação da jornada de trabalho foram conquistas oriundas das lutas das associações, o que resultou em efeitos decisivos para os trabalhadores¹⁸.

1.6. Formação da classe operária e movimentos operários

A revolta dos operários contra a burguesia acompanhou o desenvolvimento da indústria, atravessando várias fases. A princípio, numa fase, o crime foi a forma

16 THOMPSON, 1987 apud NUNES, 2019.

17 ENGELS, Friedrich. Op. cit., p. 187

18 COGGIOLA, Osvaldo. Os inícios das organizações dos trabalhadores. São Paulo.. 2010

como o operário protestou contra a ordem existente, mas o fazia de forma isolada e individual, sendo rapidamente silenciado, logo percebeu que o roubo não servia para nada. Em seguida, em outra fase, a classe operária se rebelou contra a introdução das máquinas, perseguindo seus inventores e destruindo suas criações, mais tarde, eclodiu uma série de revolta contra as máquinas que também era isolada a determinadas localidades, mas estes também foram silenciados, castigados e as máquinas continuaram a ser introduzidas, tornando-se necessário encontrar uma nova forma de oposição.

Em 1824, o Parlamento aprovou uma lei que legalizava a oposição entre proletariado e burguesia, nela os operários conquistaram o direito, até então era exclusivo da burguesia, de liberdade de associação¹⁹.

Após a legalização da lei, em 1824, as sociedades (trade unions) se expandiram e tornaram-se fortes, sendo a greve seu principal instrumento de luta. Segundo ENGELS suas finalidades eram

fixar o salário, negociar em massa, como força, com os patrões, regular os salários em relação aos lucros patronais, aumentá-los no momento propício e mantê-los em todas as partes no mesmo nível para cada ramo de trabalho. Ademais, outras finalidades eram: manter o nível de procura do trabalho, limitando o emprego de aprendizes e, assim, impedir também a redução dos salários; combater, no limite do possível, as estratégias patronais utilizadas para reduzir salários mediante a utilização de novas máquinas e instrumentos de trabalho etc.; e, enfim, ajudar financeiramente os operários desempregados. (ENGELS, 2010, p. 250).

O mais eficiente e principal instrumento de luta das trade unions era a greve. Daí surgem os movimentos operários a partir dos conflitos entre operários revoltados com as péssimas condições de trabalho e empresários. As primeiras manifestações são de depredação de máquinas e instalações fabris. O sindicalismo foi o resultado de um longo processo em que os trabalhadores conquistaram gradativamente o direito de associação. O movimento operário retomou as formas de luta reformulando de acordo com as novas condições de produção, organizando-se de

19 Id., p. 250

formas específicas, assim originando os sindicatos. Em 1833, surgiram os primeiros sindicatos sob formas de associações de base local, com o objetivo de melhorar as condições de trabalho, surgindo assim, a primeira lei que limita a jornada de trabalho das crianças operárias para 8 horas²⁰.

Em suas reuniões, dissertava-se sobre economia, política, filosofia entre outros assuntos, que logo desembocaram em marchas e greves, surgindo assim, os primeiros embates entre a classe trabalhadora e os donos das fábricas, iniciando-se as lutas de classe que garantiu os direitos dos trabalhadores²¹.

A organização trabalhista surgiu através das primeiras lutas operárias contra a tirania do capital, “modificando os termos dos contratos, de forma a se colocarem acima da condição de simples escravos²². Com o trabalho na indústria sendo desumano, com condições insalubres e de intensa exploração e não havendo leis trabalhistas que amparassem a classe operária, os trabalhadores passaram a se organizar e manifestar sua insatisfação, unindo-se em grupos específicos que visavam melhores condições de trabalho. Um dos primeiros exemplos da organização dos trabalhadores ficou conhecida como ludismo.

O ludismo, conhecido como “luddita”, desenvolveu-se a partir de meados do século XVIII e ficou conhecido como “destruidores de máquinas”, o termo luddita faz menção a Ned Ludd, suposto trabalhador inglês que, aborrecido com seu patrão, quebrou a marteladas os teares da oficina deste, como forma de manifesto da sua insatisfação, tornando-se líder do movimento, cuja ação consistia em invadir uma indústria têxtil e promover a destruição das máquinas que fabricavam as mercadorias. O movimento surgiu como consequência direta das transformações causadas nas relações de trabalho e na qualidade de vida do trabalhador a partir da Revolução Industrial. O ludismo se desenvolveu de tal forma “que levou o Parlamento britânico a sancionar em 1769 uma lei que punia a destruição de fábricas e máquinas com a pena de morte. Muitos trabalhadores foram executados, o que não impediu que o movimento ganhasse enorme amplitude entre 1811 e 1817”. O movimento ludista entrou em declínio em meados do século XIX, após a

20 COGGIOLA, Osvaldo. Op. cit., p. 18

21 KLAUCK et all. Op. cit.

22 COGGIOLA, Osvaldo. Ibid., p. 13

generalização da indústria e criação das trade unions as quais limitaram suas revoltas²³.

Outra organização dos trabalhadores ficou conhecido como Cartismo que foi um movimento operário que surgiu na Grã-Bretanha, derivado das mudanças trazidas pela primeira Revolução Industrial, nasceu sobre a base da experiência do movimento pela imprensa popular e teve como base a Carta (Charte), intitulada “Carta do Povo”, elaborada em 1838 que reivindicava liberdade de voto, direito dos trabalhadores participar do Parlamento, limitação dos mandatos políticos e diminuição da jornada de trabalho e registrava todas as reivindicações que os participantes do movimento desejavam ver implementadas nas políticas trabalhistas²⁴.

Ainda de acordo com Coggiola, a composição do cartismo era heterogênea, composta por líderes radicais, conservadores e socialistas e sua estratégia girava em torno de coleta de assinaturas que eram enviadas à Câmara dos Comuns. Descreve que:

os cartistas conseguiram mudanças efetivas, tais como a primeira lei de proteção ao trabalho infantil (1883), a lei de imprensa (1836), a reforma do Código Penal (1837), a regulamentação do trabalho infantil, a lei de suspensão dos direitos sobre os cereais, a lei permitindo as associações políticas e conquistou a jornada de trabalho de 10 horas (1847). (COGGIOLA, 2010, p. 19)

2. CAPÍTULO II. DAS ORIGENS DA REVOLUÇÃO INGLESA À CHEGADA DA INDÚSTRIA TÊXTIL NO BRASIL E EM ALAGOAS

Sendo uma das pioneiras no processo de industrialização no Brasil, a indústria têxtil “teria tido seu início como fruto da necessidade de confecção de roupas para, escravos, cordas e velas para os navios que vinham da “carreira das Índias” ”²⁵. O

23 Id., p. 11

24 Id., p. 17

25 LIMA, José Roberto Santos. **História de Alagoas**. Maceió – UFAL/CHLA – DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA (NOTAS DE AULA). 1998.

algodão, que era muito usado na confecção dessas roupas já era tecido pelos índios antes da chegada dos portugueses nas novas terras que fabricavam redes, cordas e vestimentas²⁶ e sempre esteve presente no Nordeste.

As primeiras fábricas têxteis surgidas no Brasil nas décadas iniciais do século XIX eram pequenos estabelecimentos de vida curta, eram consideradas de subsistência e definidas de acordo com sua proximidade dos centros urbanos; nas localidades mais distantes, produzia-se sacarias ou tecidos grosseiros e nas localidades mais próximas, os tecidos eram comercializados e visavam lucros²⁷.

A atividade fabril, apesar de pequena, disseminava-se pela colônia, chegando a ser motivada por Portugal, mas o país era dependente econômica e financeiramente da economia inglesa e pressões político – diplomáticas entre os países culminaram com a publicação do alvará de 1785 decretado pela Rainha Maria I, no qual proibia que os trabalhadores saíssem da agricultura e da exploração de minerais, limitando a atividade de tecelagem no Brasil²⁸, uma vez que as atividades rentáveis, naquela época eram relacionados ao solo.

O alvará publicado em 05 de janeiro de 1785 proibiu, especificamente, o estabelecimento de fábricas e manufaturas no Brasil, com o argumento de que a produção têxtil estava causando prejuízos na cultura, na lavoura e na exploração de minerais, na qual havia grande mão de obra e para que não houvesse o enfraquecimento da economia. As únicas que eram permitidas o funcionamento eram as indústrias que produziam tecidos grosseiros. Se houvesse desobediência ao alvará havia pena de multa para o fabricante²⁹.

Em 01 de abril de 1808 foi decretado por Dom João, o alvará que revogou o alvará de 05 de janeiro de 1785, autorizando o funcionamento das fábricas e manufaturas do Brasil. Em 1810, foram assinados os Tratados de Aliança e Amizade entre Portugal e Inglaterra que beneficiava mais aos ingleses, pois estes pagariam

26 STAIN, Stanley J. **Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil – 1850/1950**. Rio de Janeiro: Editora Campus LTDA, 1979. p.158.

27 NEIRA, Luz Garcia. Design, educação, cultura: origens do projeto têxtil no Brasil. Rio de Janeiro. 2013.

28 COSTA, Shirley; BERMAN, Debora; HABIB, Roseane Luz. **150 anos da indústria têxtil brasileira**. Rio de Janeiro: SenaiCetiq/Texto&Arte, 2000.

29 TAVARES, Marcelo Góes. **Territórios fabris no ramo têxtil em Alagoas e fisiografias urbanas em Maceió (1857-1943): histórias e representações**. Revista Franco-Brasileira de Geografia, nº 40. 2019.

somente 15% de imposto, os portugueses 16% e outras nações 24% sobre as mercadorias chegadas aos portos brasileiros³⁰. “Por volta de 1819, instalava-se no Rio de Janeiro uma indústria de tecidos e uma em Minas Gerais por volta de 1824³¹.”

Em 1844, visando solucionar o grave déficit, o ministro da Fazenda, Manuel Alves Branco, decretou uma nova política com relação às tarifas alfandegárias, ficando conhecida como Tarifa Alves Branco, que estabeleceu taxas de 15% a 30% sobre produtos importados comercializados na época, criando-se assim, um ambiente próprio à indústria têxtil no Brasil, que se intensificavam a partir de 1850³². Em 1850, o Brasil contava com 50 indústrias e em 1875 já havia 30 fábricas de tecidos, número este que se elevou para 48 em 1885, que estavam assim distribuídas: Minas Gerais 11 fábricas, 11 fábricas no Rio de Janeiro, 09 fábricas em São Paulo.

“Houve um deslocamento do eixo industrial brasileiro, que pouco tempo antes, em 1866, se concentrava no Nordeste com as fábricas da Bahia e Alagoas e registrou-se também o surgimento de fábricas em Pernambuco e Maranhão³³. No Nordeste a Bahia constituiu o primeiro centro industrial têxtil do país sendo hegemônico até aproximadamente 1860.

O setor têxtil possui forte influência na geração de emprego, sendo o segundo maior empregador do ramo, atrás apenas da indústria de alimentos e bebidas. “Os maiores polos têxteis nacionais estão localizados nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste, apresentando quatro polos regionais com produção especializada”, sendo que no Estado de São Paulo, encontra-se as maiores empresas que conduzem a produção nacional³⁴.

2.1. Algodão

A indústria têxtil foi uma das causas da 1ª Revolução Industrial na Inglaterra e surgiu no Brasil, na primeira metade do século XIX, ainda sob a forma de pequenas

30 Id., 2019.

31 LIMA, José Roberto Santos. Op. cit.

32 TAVARES, Marcelo Goes. Op. cit.

33 Id., 2019

34 SILVA, Bruno Bianchi Gonçalves da. **Indústria têxtil no Nordeste: A experiência de Alagoas e Sergipe**. 2019. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente. Curso de Geografia. Maceió, 2019.

fábricas e pela demanda do algodão, o cultivo do mesmo foi ampliado e, junto ao açúcar, tornou-se a base econômica do Nordeste³⁵.

No início do período colonial, o algodão já era uma cultura muito rentável, sendo difundida para “servir de vestimenta dos escravos e das classes sociais mais pobres da população colonial, depois de fiado e tecido em panos grosseiros”³⁶ e já havia manufaturas têxteis iniciando um sistema de industrialização.

O algodão, planta nativa cultivada pelos indígenas na Terra de Santa Cruz, é inserido no comércio, pelo responsável pela jurisdição da Comarca de Alagoas, José Mendonça Mattos, a partir do final do século XVIII, depois de dois séculos e meio de colonização, passando a ser exportado em 1777 e apenas em 1826 passou a ser exportado pelo Porto de Jaraguá, tornando-se o produto mais vendido para os outros países³⁷. Era cultivado em alguns locais na faixa litorânea e “utilizado na fabricação de material caça e pesca, de cordas, de objetos caseiros, de redes de dormir, na alimentação e na cura de certas moléstias”³⁸.

Antes da Revolução Industrial, o algodão não tinha uma posição de primeira linha; após os avanços tecnológicos dos séculos XVIII e XIX, tornou-se base da expansão industrial, tanto para o mercado interno, no qual foi ampliado a elaboração de tecidos grosseiros; quanto para o comércio internacional, representando o progresso, de 1861 a 1865, mas também as oscilações do mercado³⁹.

O crescimento das lavouras de algodão no Brasil aconteceu a partir da segunda metade do século XVIII, o algodão nordestino seria beneficiado em dois momentos, o primeiro foi devido a uma queda do maior fornecedor de matéria-prima, os Estados Unidos da América, que estava disputando sua independência em 1776 e ao término de tal acontecimento, voltaram a plantar algodão em larga escala, ocasionando assim a diminuição na demanda da matéria-prima brasileira; o segundo momento foi devido a Guerra da Secessão (1861 – 1865) “que desarticulava a plantação e impedia as exportações dos estados sulistas dos Estados Unidos, região produtora com técnicas mais avançadas que obtinha o algodão de melhor

35 Id., 2019

36 LIMA, José Roberto Santos. *Ibidem*

37 Id., 2019

38 TENÓRIO, D. A.; LESSA, G. L. **O ciclo do algodão e as vilas operárias**. Maceió: Sebrae, 2013, 144p.

39 Id., 2013

qualidade destinado as fábricas inglesas⁴⁰. O Algodão perdeu peso nas exportações, após a recuperação das vendas norte-americanas, mas passou a ser comercializado internamente, tornando-se a mais forte do país.

Na última década do século XVIII, Alagoas comercializava o algodão para as indústrias têxteis inglesas e devido a alta produção dessa matéria-prima, houve o desenvolvimento e crescimento de indústrias têxteis no estado de Alagoas.

O algodão produzido somado ao aumento da produção de tecidos e o crescimento do capital financeiro oriundo do comércio do estado são considerados os principais requisitos para o desenvolvimento industrial que em sua grande maioria, se apresenta através da força de trabalho dentro dos núcleos fabris ou vilas operárias. Deste modo, iniciou-se o processo de implantação das doze fábricas de fiação e/ou tecelagem no Estado de Alagoas⁴¹.

2.2. As Indústrias Têxteis em Alagoas: um recorte histórico

O povoamento de Alagoas foi determinado pelos engenhos de açúcar que, juntamente, com a pecuária extensiva moldou o padrão fundiário da região; e a partir do século XIX a produção de algodão e tecidos determinou um novo ciclo econômico que proporcionou matéria-prima para agrupar várias indústrias de fiação e tecelagem, promovendo assim, a industrialização no Estado. O algodão contribuiu com o desenvolvimento do Estado Nordestino e, ao lado da pecuária, foi responsável pelo povoamento do interior, Agreste e Sertão⁴².

A indústria pioneira em Alagoas foi a Companhia União Mercantil em Fernão Velho/ Maceió e até o fim do século XIX, outras fábricas têxteis foram instaladas no Estado formando uma rede industrial têxtil com várias fábricas em diferentes municípios atraindo novos investidores⁴³.

40 CARVALHO, Cícero Péricles de. **Formação histórica de Alagoas**. 3 ed rev e ampl. Maceió: EDUFAL, 2015. 352 p.:il.

41 FARIAS, Ivo dos Santos. **Dominação e resistência operária no núcleo fabril de Fernão Velho/AL (1953-1962)**. 2012. Dissertação (Pós-graduação em Sociologia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012

42 FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS. **Trajetória da Indústria em Alagoas: 1850/2017 / Federação das Indústrias do Estado de Alagoas ; Instituto Euvaldo Lodi. – 1. ed. – Maceió: FIEA, 2018. 171 p. : Il.**

43 TAVARES, Marcelo Góes. **Territórios fabris no ramo têxtil em Alagoas e fisiografias urbanas em Maceió (1857-1943): histórias e representações**. Revista Franco-Brasileira de Geografia, nº 40. 2019

De acordo com FIEA,

A atividade industrial, em Alagoas, chegou ao seu ápice entre os anos 1930 e 1950. Depois, foram surgindo outras fábricas têxteis, como a de Saúde, da família Nogueira (Maceió); Vera Cruz, em São Miguel dos Campos (Cotonifício João Nogueira); Fábrica de Tecidos São Miguel (Bernardo Lopes); Alexandria, em Maceió, da família Lôbo; outras em Penedo e Pilar, além de uma pequena fábrica, pouco conhecida - a Santa Margarida, em Maceió (Jaraguá). (FIEA, 2018, p. 21)

2.3. Decreto Nº 19.739

A indústria têxtil no Brasil era um setor que vinha se destacando em suas produções e o Nordeste era a região que mais produzia, devido às condições favoráveis para tal. Este destaque, ocasionaram ameaças ao desenvolvimento têxtil nordestino e em 07 de março de 1931, os industriais do sudeste exercendo influência na força política do país, promulgaram o decreto nº 19.739 que restringia por dois anos de maquinários estrangeiros⁴⁴, justificando que o excesso de produção poderia causar desequilíbrio entre a produção e consumo podendo ocasionar assim, uma instabilidade econômica⁴⁵, sendo que o real intuito era de prejudicar as fábricas nordestinas e consolidar São Paulo e Rio de Janeiro como principais pólos industriais do país⁴⁶.

Com a promulgação do decreto, os industriais nordestinos começaram a ter prejuízos e para evitar ainda mais as perdas, os fabricantes resolveram aumentar a jornada de trabalho para até 14h diárias, mas não obtiveram êxitos devido a lei exigir 8h de trabalho. No entanto, estes buscaram outros meios, tais como cortes no salário de seus operários o que gerou ambiente oportuno para os movimentos esquerdistas prepararem suas ideias revolucionárias entre os operários. Próximo ao fim da proibição da lei, os industriais do sudeste conseguiram prorrogação do decreto até o ano de 1937, ao fim do período, foi solicitado mais uma

44 SALDANHA, A. NERI. G. A Indústria Têxtil, o Decreto Nº 19.739 e a Legislação Trabalhista. Termo in: Alberto Saldanha. **A indústria Têxtil, a classe operária e o PCB em Alagoas**. Maceió, 2011.

45 Diário Oficial da União. **Decreto nº 19.739, de 7 de Março de 1931**

46 SALDANHA, A. Neri. passim

prorrogação, mas desta vez não foi aceito pelo governo e em 31 de março de 1937 expirou o prazo de vigência do decreto e finalmente, foi retomada a importação de novas máquinas para as fábricas têxteis⁴⁷.

Os anos de interdição ao maquinário estrangeiro atrasaram os planos da indústria têxtil alagoana. Com a liberação das máquinas, muitas fábricas alagoanas buscaram fôlego para ressurgir. Apesar de não ter sido vantajoso para os empresários têxteis em Alagoas, os operários têxteis alagoanos tiveram a oportunidade de se organizarem enquanto classe e entenderem a importância da luta por seus direitos⁴⁸.

2.4. Cotidiano das fábricas

A maioria das fábricas têxteis alagoanas situavam-se em zonas isoladas, estrategicamente, pois servia para a implementação e dominação do espaço de trabalho e da vida do operário; e próximos a rios, devido ao “barateamento com a utilização das águas na produção, a possibilidade de compra de grandes terrenos por um preço mais acessível e a criação de um poder paralelo para promover a vida cotidiana local⁴⁹.

Ainda de acordo com MELO,

Nesse complexo, o isolamento propiciava a criação de um poder privado por parte dos industriais, “substituindo” o Estado nas relações cotidianas do proletariado, e, nesse sistema, a moradia do trabalhador representa um eixo central no processo de denominação patronal. (MELO, 2018, pg. 76)

47 SALDANHA, A. Neri passim

48 SALDANHA, A. Neri id., p. 22

49 MELO, Airton de Souza. **Operários têxteis em Alagoas: organização sindical, repressão e vida na fábrica (1951 – 1964)**. Maceió. Fapeal: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018.

Distribuição territorial de fábricas têxteis em Alagoas, período 1857-1900.

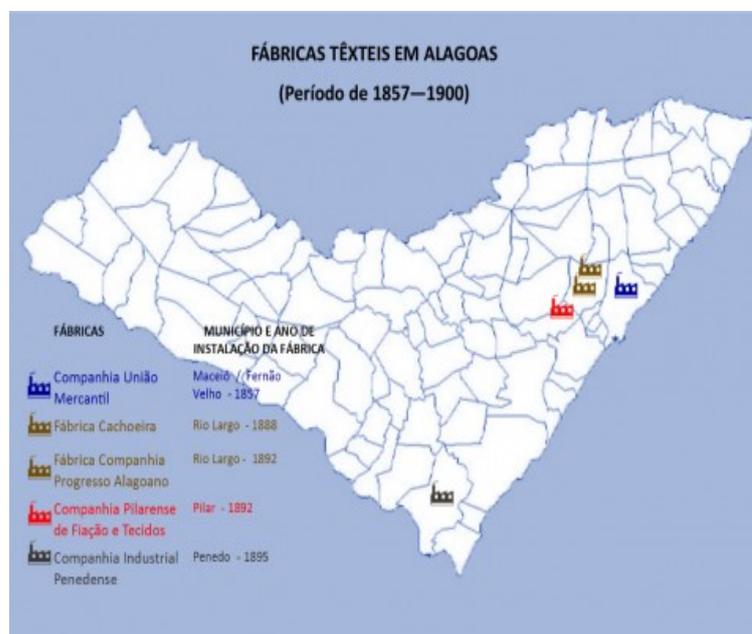


Figura 05. Fonte: TAVARES, 2019

As fábricas têxteis no estado de Alagoas seguiram o modelo de fábrica com vila operária, na qual corresponde as relações de dominação havendo o total controle e interferência direta da administração da fábrica sobre a vida social dos trabalhadores. Eram donas das casas que prestavam serviços médicos, organizavam lazer, festejos culturais, ritos religiosos e a educação dos filhos dos operários. Suas instalações e condições de trabalho eram precárias, de sofrimento, de exaustão e não havia preocupação do patronato com qualquer sequela que viesse a prejudicar os trabalhadores. Os operários conviviam com intimidações dos vigias das fábricas, agressões e repressão policial⁵⁰.

2.5. As fábricas de fiação e/ou tecelagem no Estado de Alagoas

2.5.1. Companhia União Mercantil – Fernão Velho

Em Alagoas, a pioneira na atividade têxtil foi Sociedade Anônima Companhia União Mercantil, que “tinha por objetivo principal fiar tecer o algodão que era

50 SALDANHA, A. Neri passim

produzido no Estado”. Passou a funcionar em 05 de abril de 1864, dez anos após sua criação, através da iniciativa do Barão de Jaraguá, José Antônio de Mendonça que junto com o comerciante Tibúrcio Alves de Carvalho instalaram a fábrica em Fernão Velho⁵¹.

A fábrica produzia tecidos crus, alvos e toalhas e de acordo com seu desenvolvimento aumentou o número de funcionários, então foi construída a vila operária ABC, em seguida, foi erguida a Vila Goiabeira. A companhia passou por várias gestões e cada uma contribuiu para sua evolução de acordo com suas disponibilidades. Em 1996, devido à concorrência, a fábrica parou de funcionar e graças a incentivos de Governo Estadual reabriu em 1997, e fechou definitivamente suas portas em 2010 devido a falta de interesse dos diretores em renovar o maquinário que já estava ultrapassado⁵².

Companhia União Mercantil



Figura 06. Fonte: SILVA (2019, p. 181)

51 TENÓRIO, D. A.; LESSA, G. L. **O ciclo do algodão e as vilas operárias**. Maceió: Sebrae, 2013.

52 TICIANELI, Edberto. **Fernão Velho dos pescadores e a Fábrica de Tecidos**. Memória Urbana. 2016.

2.5.2. Fábrica Cachoeira – Rio Largo

A Indústria de Tecidos Cachoeira, na antiga Santa Luzia do Norte, atualmente Rio Largo foi fundada em 1888, sendo José Antônio Teixeira Basto, o comendador Teixeira Basto, um dos fundadores.

Praça 15 de outubro e a Fábrica Cachoeira em Rio Largo



Figura 07. Fonte: TICIANELI, 2020

2.5.3. Fábrica Progresso – Rio Largo

Devido ao grande êxito apresentado pela Fábrica Cachoeira foi constituída uma nova sociedade anônima a Companhia Progresso Alagoano, com sede em Maceió, mas com sua unidade fabril próximo a Fábrica Cachoeira, com o propósito de fiar e tecer algodão. Começou a funcionar, em novembro de 1895, “sendo a primeira diretoria composta pelo comendador José Antônio Teixeira Basto, diretor tesoureiro; Propício Pedroso Barreto, diretor técnico; e Manuel Balthazar Pereira Diégues Junior, diretor secretário⁵³”.

A Fábrica Progresso foi fundada em 1892 e dirigida por Gustavo Pinto Guedes de Paiva, esta trouxe melhorias a Rio Largo, pois Gustavo Paiva tinha uma política diferente dos tradicionais líderes, passando a adotar relações mais humanizadas

⁵³ TICIANELI, Edberto. 2016, passim

entre a empresa e os funcionários, “fazendo instrumentos para proporcionar educação, saúde, lazer e cultura aos operários, sem se descuidar de garantir os direitos trabalhistas, mesmo ainda não estabelecidos em lei⁵⁴.

Companhia Progresso Alagoano, em Rio Largo



Figura 08. Fonte: TICIANELI, 2015

Após a morte do Comendador, as fábricas Cachoeira e Progresso foram fundidas “de acordo com as resoluções tomadas em Assembleia Gerais de Acionistas datadas de 17, 24, 25 de março de 1924, sob a denominação de Companhia Alagoana de Fiação de Tecidos (CAFT)⁵⁵.

2.5.4. Companhia Alagoana de Fiação e Tecido – CAFT

A Companhia Alagoana de Fiação e Tecido – CAFT é formada pela junção de duas fábricas têxteis, a fábrica Cachoeira e Fábrica Progresso. A indústria foi instalada em local estratégico, próximo ao Rio Mundaú e a linha férrea que foram

54 TICIANELI, Edberto. **Comendador Teixeira Basto, pioneiro da indústria têxtil de Rio Largo.** Opinião, personalidades. 2015.

55 TICIANELI, Edberto. 2015, passim

fatores favoráveis para seu crescimento e desenvolvimento. Foram construídas moradias para seus funcionários, adquirindo assim, características e dimensão urbana, e entre 1892 e 1902 a indústria contava com mais de quatrocentas moradias, consolidando-se como vila operária. A partir da inserção de equipamentos urbanos, a vila operária foi elevada à categoria de cidade⁵⁶.

FIEA 2018 relata que:

"As fábricas, juntas, produziam 9 milhões de metros ou 80.000 kg de artefatos de tecidos, utilizando 26.000 fusos, 872 teares, empregando 2.000 operários, consumindo 1.450.000 kg de algodão, acionando potência instalada de 1.800HP (hidráulica e vapor). A linha de produção consistia em tecidos crus, alvejados, tintos, toalhas, lençóis e camisas de malha, além de morins, cassas, fustões e bramantes, nada ficando a dever às maiores indústrias de fiação e tecelagem do país".

Na década de 1980, a CAFT anunciou o fim da produção industrial têxtil em Rio Largo⁵⁷.

2.5.5. Companhia Pilarense de Fiação e Tecidos - Pilar

Em 13 de março de 1892 foi fundada, no município de Pilar, a Fábrica Pilarense, da Companhia Pilarense de Fiação e Tecidos, cuja inauguração ocorreu em 1893. Nela era fabricado tecidos brancos e de cores⁵⁸.

"Dados da Fiação de Tecidos Pilarense, durante o ano de 1900 (último cenário do século XIX) mostram que a fábrica trabalhou 278 dias, produzindo 12.551 peças de tecidos diversos com 512.442 metros. Já em

56 RODRIGUES, R. L.; HIDAKA, L. T . F. Conservação do Patrimônio Industrial em Debate: o caso do sítio industrial da antiga Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos, em Rio Largo/AL. In: 1º Simpósio Científico ICOMOS Brasil, 01., 2017. Belo Horizonte.

57 Id., 2017

58 MACIEL, Osvaldo Batista Acioly (Org.). **Operários em movimento: documentos para a história da classe trabalhadora em Alagoas (1870 – 1960)**. Maceió. EdUFAL, 2007. 188 pg. 28 FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS. **Trajetória da Indústria em Alagoas: 1850/2017** / Federação das Indústrias do Estado de Alagoas ; Instituto Euvaldo Lodi. – 1. ed. – Maceió: FIEA, 2018. 171 p. : Il.

1901, trabalhando 267 dias, obteve 461.816 metros, mantendo, praticamente, o mesmo nível de produção, utilizando 814 sacas de algodão. Neste ano, utilizou 180 operários, sendo 49 homens, 96 mulheres e 35 menores. Estes operários ganhavam entre 3\$000 e 6\$000 por 10 horas de trabalho/dia. O combustível utilizado era a lenha, e a fábrica totalmente mecanizada, com três salões distintos". (FIEA, pg. 51)

Vista aérea da Companhia Pilarense de Fiação e tecidos: Pilar, AL



Figura 09. Fonte: IBGE, 2019

Pilar era o principal entreposto comercial no interior de Alagoas e por não ser beneficiada pelo traçado da ferrovia, quando esta surgiu, houve um declínio em suas vendas, uma vez que, grandes partes das mercadorias antes destinadas a seu porto, foram destinadas as estações ferroviárias.

Entre os anos de 1940 e 1950, quando houve o declínio da indústria têxtil, as fábricas com pouco de capital foram as primeiras a encerrarem as operações sendo este o caso da Fábrica Pilarense, desta forma não se tem o ano exato de seu fechamento⁵⁹.

59 SILVA. Bruno Bianchi Gonçalves da. Op cit., p. 134

2.5.6. Companhia Penedense Industrial – Penedo

Em 1897, às margens do rio São Francisco, mais uma fábrica com vila operária foi fundada, a Companhia Industrial Penedense, tendo seus produtos boa aceitação em Alagoas e em alguns estados, tais como Bahia, Pernambuco e Sergipe⁶⁰.

Companhia Penedense Industrial



Figura 10. Fonte: MOURA, 2011

A fábrica iniciou sua produção em 1897, funcionava num edifício bem construído e com máquinas aperfeiçoadas, produzia cerca de 1500 peças por semana e empregou cerca de 500 operários, sendo suas peças exportadas para o Rio de Janeiro e outros estados da União⁶¹. A matéria-prima (algodão) para sua manufatura era produzida, mais que suficiente, na zona do Baixo São Francisco, chegando a ter uma produção de 77.234 peças de algodão⁶².

60 MACIEL, Osvaldo Batista Acioly. Op. cit., p. 60

61 FIEA. Op cit., p. 47

62 MACIEL. Osvaldo Batista Acioly. Op cit., p. 61

A família Peixoto Gonçalves, que se destacou na política e economia de Penedo, foi a responsável pela instalação da fábrica que se especializou na produção de tecidos grossos, toalhas e brins. Assim como a Companhia Pilarense de Fiação e Tecidos, a Fábrica Penedense parou suas atividades entre os anos 1940 e 1950⁶³.

2.5.7. Companhia Fiação e Tecidos São Miguel – São Miguel dos Campos

Em 1913 foi edificado próximo ao rio São Miguel, o complexo industrial denominado Companhia de Fiação e Tecidos de São Miguel, também conhecida como Fábrica Sebastião Ferreira. “Era considerada uma das mais potentes indústrias de Alagoas”, devido ao trabalho sociocultural voltado aos operários que não pagavam aluguel, água e luz, moravam sem custo nas residências da Fábrica. Após o falecimento de seu fundador, seu filho Abelardo Lopes assumiu a direção da indústria que deu continuidade ao trabalho do pai, criando esporte, lazer e atividades culturais. Com a morte de Abelardo, a fábrica passou a ser administrada por seus filhos que não souberam dirigi-la, ocasionando o fechamento da mesma em 1971⁶⁴.

“Com a extinção da Fábrica de Tecidos São Miguel, em 1971, a família Lopes vendeu a fábrica e as suas ações para o grupo Mendo Sampaio S/A de Pernambuco”⁶⁵.

63 SILVA, Bruno Bianchi Gonçalves da. Op. cit., p. 134

64 MOURA, Ernade Bezerra de. 2011, passim

65 FIEA. Op. cit., p. 87

Companhia de Fiação e Tecidos de São Miguel

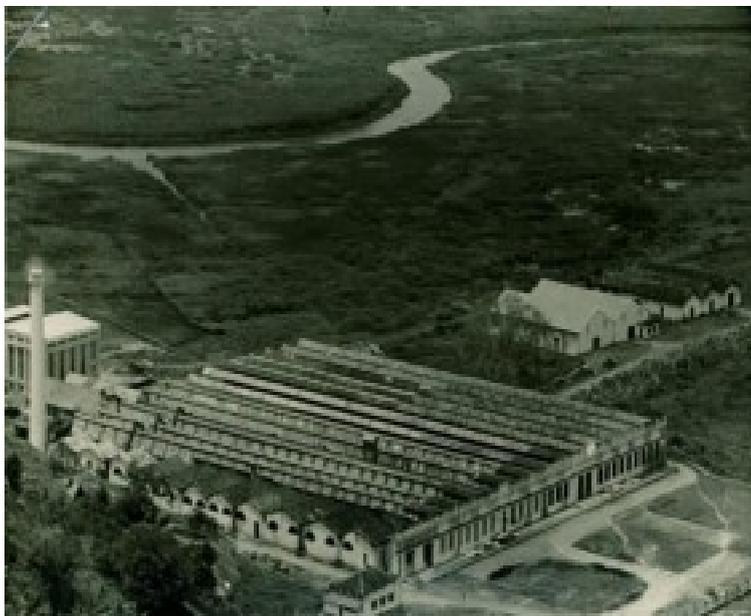


Figura 11. Fonte: SILVA (2019, p. 183)

2.5.8. Fábrica Alexandria – Bom Parto

A Fábrica Alexandria estava localizada no bairro de Bom Parto, próximo à lagoa Mundaú, zona de pescadores e a cerca de 2 km do centro de Maceió, era o sustento de centenas de famílias que trabalhavam em seus vários setores.

Inaugurado em 4 de março de 1912 pelos industriais Alfredo Lôbo e Luiz Zagalo, o Cotonifício M. Lobo S/A., nome de registro, ficou conhecido por todos pelo nome fantasia - Fábrica Alexandria. Iniciou fabricando linhas, sendo pioneira nesta produção e a partir de 1915, substituiu o fabrico de linhas pelo de tecidos, passando a produzir tecidos lisos, toalhas, fustão, morim e tecidos de xadrez. Em 1916, passou a exportar para a Argentina, Chile, Peru e outros países da América do Sul⁶⁶.

66 Id., 2018

Fábrica Alexandria



Figura 12. Fonte: TICIANELI, 2022

As residências dos operários eram próximas as instalações da fábrica para serem exigidas assiduidade e pontualidade para produção de suas peças e havia um rigoroso controle de espaço em suas imediações, mas a interação entre as localidades (vila operária e população da capital) eram respeitadas⁶⁷.

Em 1946, a fábrica completa as obras em seu prédio e tem um bom rendimento e no ano de 1947, houve muitos problemas com energia elétrica que era fornecida pela Companhia Força e Luz Nordeste do Brasil (CFLNB), o qual paralisou sua produção por 15 dias. Em 1960, a fábrica foi vendida ao Cotonifício Torre de Pernambuco e em 1966, encerrou suas atividades⁶⁸.

2.5.9. Companhia de Fiação e Tecidos Santa Margarida – Jaraguá

A Companhia de Fiação e Tecidos Santa Margarida foi fundada em 1914, no bairro portuário de Jaraguá, na capital Maceió. Era uma fábrica pequena, possuía um grande fluxo de pessoas e mercadorias; e não chegou a criar complexos que

67 MELO, Airton de Souza. **Operários têxteis em Alagoas: organização sindical, repressão e vida na fábrica (1951 – 1964)**. Maceió. Fapeal: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018.

68 FIEA. Op. cit., p. 70

dominavam a vida cotidiana de seus operários, pois não se localizava em zonas isoladas⁶⁹.

2.5.10. Fábrica da Pedra S/A – Fiação e Tecelagem – Delmiro Gouveia

A Fábrica da Pedra S/A – Fiação e Tecelagem foi inaugurada em 05 de junho de 1914 pelo empreendedor Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, denominada Companhia Agro Fabril Mercantil, produzia linhas de costura pela Fábrica de Linha da Estação Pedra, a princípio internamente com os carreteis da marca “Estrela” e em seguida, no exterior, no qual lançou a linha “Barrilejo”. Tornou-se a primeira indústria têxtil no Estado a utilizar exclusivamente a energia elétrica que era produzida por uma hidrelétrica criada por Delmiro Gouveia em suas terras⁷⁰.

A fábrica, em fase de experiência, produzia linhas glacê, bordar e crochê macramê, em seguida passou a utilizar algodão seridó. Em 1915, a fabricação de linhas foi substituída pelo de tecidos fustão, morim e xadrez e em 1916, a fábrica passou a exportar para a Argentina, Chile, Peru e outros países da América do Sul⁷¹.

Após três anos de funcionamento, a Companhia Agro Fabril Mercantil perdeu seu fundador que foi assassinado em outubro de 1917 e o seu comando passou a ser do sócio italiano Lionelo Iona e Adolpho Santos até 1924 e após esse período, Noé, filho de Delmiro Gouveia, passou a administrá-la. Em 1926 foi vendida ao grupo empresarial pernambucano Irmãos Menezes e Cia que ficou a frente do empreendimento até 1986, e neste mesmo ano a fábrica foi vendida ao grupo Cataguases Leopoldina e passou a se chamar Multi Fabril Nordeste S/A⁷².

69 MELO. Airton de Souza. Op. cit., p. 64

70 MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **O senhor da pedra: os usos da memória de Delmiro Gouveia (1940- 1980)**, 2008. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2008. 314p.: il

71 FIEA. Op. cit., p. 58

72 Id., 2018

Fábrica da Pedra S/A – Fiação e Tecelagem



Figura 13. Fonte: SILVA (2019, pg. 183)

No início dos anos 1990, a fábrica fechou temporariamente e em 1992, a Multi Fabril Nordeste S/A é adquirida pelo grupo alagoano Carlos Lyra, e passou a ter a denominação de Fábrica da Pedra S/A – Fiação e Tecelagem, que colocou a fábrica de volta ao mercado. Após dificuldades financeiras, a fábrica teve sua energia elétrica cortada devido a uma dívida de valor elevado e encerrou suas atividades em fevereiro de 2017⁷³.

2.5.11. Companhia de Fiação e Tecidos Norte Alagoas – Distrito Saúde Maceió

A Companhia de Fiação e Tecidos Norte de Alagoas foi instalada no povoado Saúde, bairro de Ipioca localizado no litoral norte da cidade, na década de 1920.

O governador Fernandes Lima, contribuiu para com a Estrada do Norte, para a instalação da fábrica e ofereceu incentivos fiscais a esta nova empresa. Em 24 de março de 1924, pelo Decreto nº 1.038 isenção de diversos impostos para a fábrica

73 FIEA. Op. cit., p. 135

e durou por cinco anos. Começou a produzir em 26 de março de 1927, morim e panos para sacos. Encerrou suas atividades em 1983⁷⁴.

Neste mesmo ano, os empreendedores da família Nogueira inauguram a Fábrica Companhia de Fiação e Tecidos Norte Alagoas, no distrito de Saúde, em Maceió, cujo funcionamento iniciou um processo de desenvolvimento econômico e social naquela região. Ficou conhecida como “Alemanha Pequena”, pois tinha “o controle sobre a vida econômica, política e, sobretudo, imobiliária dos trabalhadores”, nela houve o maior isolamento espacial e as piores referências sobre condições de trabalho e vida⁷⁵.

Fernando e Alberto Nogueira trabalharam incansavelmente no final da década de 1970 para o equilíbrio e continuidade de operações da Companhia de Fiação e Tecidos Norte Alagoas, em Saúde/Maceió, mas não suportando como tantas outras do setor, as mudanças tecnológicas, concorrência desleal e acirrada de produtores asiáticos, a falta de capacidade de investimento para expansão e modernização da fábrica e outros fatores adversos de mercado, encerraram suas atividades, deixando um legado urbano-social inestimável, até hoje ocupado por famílias, no distrito de Saúde, incorporando o valioso polo têxtil à paisagem de Maceió⁷⁶.

Companhia de Fiação e Tecidos Norte Alagoas



Figura 14. Fonte: SILVA (2019, pg. 183)

74 TICIANELI, Edberto 2020, passim

75 MELO, Airton de Souza. Op. cit., p. 72

76 FIEA. Op. cit., p. 101

2.5.12. Fábrica de Fiação e Tecidos Vera Cruz – São Miguel dos Campos

A Companhia Miguelense de Fiação e Tecelagem Vera Cruz, foi criada por volta do ano de 1925, por um grupo de acionistas que tinha como presidente Miguel César Teixeira, numa propriedade conhecida como Sítio Vera Cruz, município de São Miguel dos Campos/AL. Algumas ações foram vendidas para, o médico, Antônio Leocádio da Rocha e Silva, que em seguida, negociou a indústria para o Grupo Português Nogueira S/A, formado por Antônio Nogueira Júnior, Carlos da Silva Nogueira, José da Silva Nogueira e Aloísio da Silva Nogueira, gestores da firma João Nogueira & Cia. Ltda, passando a se chamar Fábrica de Fiação e Tecidos Vera Cruz. O Sr. Antônio Nogueira passou a administrar a fábrica e após seu falecimento, seu filho, João Nogueira passou a dirigir a fábrica e a fez crescer, criou a vila operária para os empregados da fábrica e deu autonomia para a criação do Sindicato de Fiação e Tecelagem. Nesta fase, a Fábrica Vera Cruz produzia fustão, brim, morim, bramante, toalhas e outros produtos oriundos do algodão, desenvolvendo assim, a economia do comércio de São Miguel dos Campos e devido a uma crise pela qual Alagoas estava passando, houve uma diminuição na produção da Fábrica Vera Cruz, onde vários funcionários foram demitidos ocasionando assim, o encerramento de suas atividades em 2004⁷⁷.

Alagoas: Fábrica de Fiação e Tecidos Vera Cruz



Figura 15. Fonte: SILVA (2019, pg. 183)

77 MOURA, Ernande Bezerra de. 2011, passim

2.5.13. Fábrica Marituba – Piaçabuçu

A Fábrica Marituba foi fundada em 1926 em Piaçabuçu e foi uma importante unidade industrial do setor têxtil⁷⁸. Foi uma das últimas indústrias têxteis a se instalar em Alagoas.

Alagoas: Fábrica de tecidos Piaçabuçu/AL



Figura 16. Fonte: Fapeal, 2012

3. CAPÍTULO III. DE UNIÃO MERCANTIL À FÁBRICA CARMEN DE FERNÃO VELHO: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS

3.1. Na época da Companhia União Mercantil: Considerações sobre Fernão Velho

O bairro de Fernão Velho, na cidade de Maceió, está localizado na região de planície lagunar no nordeste do Brasil, com uma área de 2,664 km² e população de 5.752 habitantes. Banhado a sua esquerda pela Lagoa Mundaú e a sua direita possui parte remanescente da mata atlântica encontrada em área urbana de Maceió, o bairro localiza-se a noroeste da cidade fazendo divisa com Bebedouro, Rio Novo e Santa Amélia⁷⁹.

⁷⁸ FIEA. Op. cit., p. 62

⁷⁹ Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento – SEMPLA. **Diagnóstico de Fernão Velho**. Maceió – Al. 2013.

Fernão Velho: Mapa do bairro

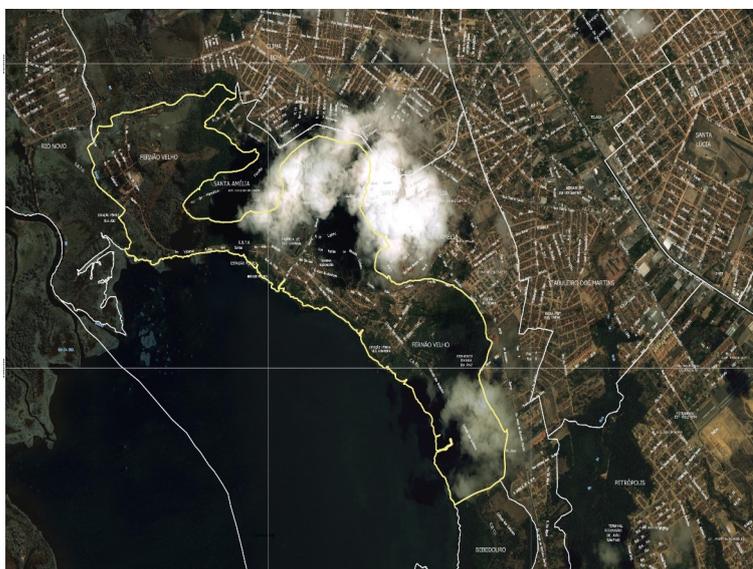


Figura 17. Fonte: Pimentel, 1996

Maceió estava dividida em 03 (três) distritos, sendo o primeiro distrito composto pelos bairros do Centro, Farol, Bebedouro e Fernão Velho; o segundo distrito abrangia os bairros de Jaraguá, Pajuçara e Poço e o terceiro Distrito era composto pelos bairros da Levada, Trapiche da Barra e Pontal da Barra⁸⁰.

Com objetivo de descentralizar os serviços de atendimento, a lei municipal nº 4952/00 alterou a lei nº 4687/98, ocasionando a subdivisão definitiva do município de Maceió em 07 (sete) regiões administrativas reunindo um grupo de bairros de uma mesma região, ficando Fernão Velho na região administrativa 4⁸¹. A ocupação caracteriza-se por habitação de classe média e baixa, há atividades como pesca, pequenos comércios e pequenos agricultores.

Margeado pela lagoa Mundaú, Fernão Velho está inserido dentro da Área de Proteção Ambiental do Catolé e de Fernão Velho, constituindo-se numa unidade de Uso Sustentável, sendo em geral

80 TAVARES, Marcelo Góes. Do tecer da memória ao tecido da história: Operários, trabalho e política na indústria têxtil em Fernão Velho (Maceió, Al, 1943 – 1961). Recife, 2016.

81 MACEIÓ. **Lei n. 4.952, de 06 de janeiro de 2000**. Altera a Lei nº 4.687/98, que dispõe sobre o perímetro urbano de Maceió, a divisão do município em regiões administrativas e inclui o abairramento da zona urbana e dá outras providências.

[...] uma área extensa, com um certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplina o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais. (SANTOS,2018, p. 20)

Mapa da APA do Catolé e de Fernão velho



Figura 18. Fonte: Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos, 2021

A Unidade de Uso Sustentável foi criada pela lei estadual nº 5347 de maio de 1992, com área total de 38,17 km², abrangendo parte dos municípios de Coqueiro Seco, Santa Luzia do norte, Satuba e Maceió, com o objetivo de preservar a Mata Atlântica e as formações de manguezais da lagoa Mundaú e ordenar o uso e

ocupação do solo⁸². A APA é de responsabilidade do Instituto do Meio Ambiente – IMA.

3.2. Formação da Companhia União Mercantil e da Vila Operária de Fernão Velho

Início do século XIX, período provável da ocupação do povoado de Fernão Velho, no qual ocorreu a construção das residências à beira da lagoa e próximo a várias fontes de água, feitas por pescadores e coletores de mariscos e permaneceu como Vila de Pescadores até 1857⁸³.

Fernão Velho é remanescente da sesmária dada por Dom Pedro II a Fernão Dias Velho, após sua morte, em 1850, José Antônio de Mendonça, o Barão de Jaraguá, comprou as terras, colocou o nome de Fernão velho em homenagem a seu primeiro dono e junto com o comerciante Tibúrcio Alves de Carvalho instalaram a Sociedade Anônima Companhia União Mercantil, que fundou em 07 de março de 1857, inaugurou em 1 de setembro de 1863 e começou a funcionar com o capital social de 150 contos de réis autorizado pela carta Régia nº 617, do Imperador Pedro II, sendo a primeira indústria têxtil do nordeste⁸⁴.

Em 05 de Abril de 1864, após ter seu estatuto aprovado pelo governo de Dom Pedro II⁸⁵, a fábrica começou a funcionar e “era movida por um motor hidráulico com mais de 50 cavalos. Empregava 74 funcionários que operavam 2.100 fusos e 40 teares, consumindo 45 toneladas de algodão por ano, e produzindo 247.500 metros de tecidos”⁸⁶. Nesse mesmo ano, a fábrica era dirigida por Joaquim de Souza Silva Cunha, José Virgínio Teixeira de Araújo e Manoel José Duarte.

Em 1874, após dez anos do início do funcionamento da fábrica a produção não foi satisfatória, os operários não tinha experiência suficiente para dominar totalmente as máquinas; suas ações não valiam o seu nominal e doenças como varíola, malária e febres biliosas acometeram alguns trabalhadores, que também se queixavam que

82 ALAGOAS. **Lei n. 5.347, de 27 de maio de 1992.** dispõe sobre a Área de Proteção Ambiental do Catolé e de Fernão velho e dá outras providências correlatas.

83 TICIANELI, Edberto **Fernão velho dos pescadores e da fábrica de tecidos.** Memória urbana. 2016.

84 TAVARES, 2016, passim

85 TENÓRIO, D. A.; LESSA, G. L. **O ciclo do algodão e as vilas operárias.** Maceió: Sebrae, 2013. 144p.

86 TICIANELI, Edberto 2016, passim

os horários da fábrica eram rigorosos⁸⁷. Pouco a pouco, a fábrica conseguiu melhor se estruturar internamente, importando trabalhadores capacitados para dominar as máquinas, os operários foram qualificados e a fábrica começou a atingir seus objetivos e passou a concorrer com as grandes indústrias baianas.

Até 1988, a fábrica era a única indústria de Alagoas e durante mais de vinte anos foi pioneira na produção de tecidos e pouco a pouco a fábrica foi atingindo seus objetivos. Segundo Tenório e Lessa a Companhia União Mercantil

“ já fabricava tecidos para roupa de escravos e outros “misteres de família”, utilizando a mão de obra de 74 trabalhadores, inclusive de 12 aprendizes e 9 meninos órfãos. Dos operários e técnicas estrangeiras, que eram em grande número na primeira turma e que ensinaram o ofício para outros em 1876, havia apenas 3, sendo 1 italiano, 1 belga e 1 italiano”. (Tenório e Lessa, 2013, p 53)

A partir de então, devido a preponderância da produção algodoeira foram criadas outras fábricas têxteis em Alagoas, tendo suas sedes em Delmiro Gouveia, Maceió, Pilar, Penedo, Rio Largo, São Miguel dos Campos e Piaçabuçu.

3.3. Gestão do grupo Machado – 1891 a 1938

Em 1891, a família Machado assumiu a gestão da Companhia União Mercantil. O grupo empresarial comprou as ações majoritárias, tornando-se o principal acionista até o ano de 1938. Inicialmente, a administração da fábrica era do português José Teixeira de Machado, que ficou no comando de 1891 a 1911 e após sua morte a administração foi passada para seus filhos Antônio de Mello Machado e Artur de Mello Machado. Durante a administração do grupo, tanto a Companhia União Mercantil quanto o distrito de Fernão Velho evoluíram o aspecto físico e ambiental. A fábrica “deixou de ser uma pequena indústria de 80 teares e chegou a alcançar o porte de 1.000 teares, durante a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918)⁸⁸ e com isso, aumentou o número de funcionários da fábrica e foi criada, em 1930, a

87 TENÓRIO, D. A.; LESSA, G. L. Op. cit., 2013

88 FARIAS, Ivo dos Santos. **Dominação e resistência operária no núcleo fabril de Fernão Velho/AL (1953-1962)**. 2012. Dissertação (Pós-graduação em Sociologia) – Universidade Federal de Alagoas, 2012.

Vila ABC com o objetivo de acomodá-los. Mais tarde, foi criada outra vila, Vila Goiabeira, com o intuito de abrigar os funcionários aposentados e suas famílias.

A Companhia União Mercantil

Construiu 900 casas de alvenaria, todas providas de luz elétrica e com água encanada, cujas famílias vivam sem pagar nada e depois de 2 anos de trabalho efetivo na fábrica, os operários ganhavam essas casas, sem custo algum. Além de assistência médica, a companhia construiu no bairro um ambulatório onde a população era atendida por 4 médicos sob direção de Dr. Manoel Machado Sobrinho. A coleta de lixo também era de responsabilidade da fábrica. (SANTOS, 2018, p. 59).

Construiu ainda “o cine – teatro São José (figura 19), ampliou o colégio (figura 21) para operários, adquiriu prédios, casas, terrenos e edificou a Igreja Católica”⁸⁹.

Cine Teatro São José



Figura 19. Fonte: Oliveira (2018, pg. 160)

89 Id., 2010, p. 31

O cine Teatro São José foi construído em 1917 e funcionou até a década de 1980, exibia filmes de Hollywood e da Phaté Francês a preço simbólico ou gratuitamente. Em 1997 foi demolido e atualmente, no lugar, funciona numa parte do terreno um mercadinho local (figura 20) e a outra parte está aparentemente sem uso⁹⁰.

O bairro de Fernão Velho, como único que ainda apresenta uma boa parte do seu patrimônio histórico e arquitetônico preservados precariamente, merecia por parte do poder público municipal da Cidade de Maceió, ter sido tombado como parte do Patrimônio Histórico da Cidade de Maceió, mas isto até hoje em 2022 não foi feito, estando o patrimônio passível de destruição, descaso e alterações das suas fachadas, colocando em risco a sua historicidade.

Antiga localização do Cine Teatro



Figura 20. Fonte: Oliveira (2018, pg. 160)

O colégio operário São José foi construído entre os anos de 1938 e 1981 e continuou ativo entre 1943 e 1996. Situava-se numa área centralizada, próximo a Igreja Católica e praça central e tinha o pároco local como diretor⁹¹.

90 Id., 2018, p. 159

91 TAVARES, Marcelo Goes. 2016.

Colégio operário São José



Figura 21. Fonte: Tavares (2016, pg. 04)

Igreja São José



Figura 22. Fonte: Oliveira (2018, pg. 161)

Devido a crise nacional enfrentada pela indústria têxtil e divergências na família, a Companhia União Mercantil foi vendida em 1938 para a família Leão⁹².

92 TAVARES, Marcelo Goes. 2016.

3.4. Gestão da família Leão – 1938 a 1943

No ano de 1938 a Companhia União Mercantil foi vendida para os usineiros de Utinga, a tradicional família Leão, e sua gestão durou apenas cinco anos. O grupo investiu alto na fábrica têxtil em Fernão Velho, buscando “uma equipe de estrangeiros para auxiliar no controle dos diversos setores produtivos”⁹³.

A gestão mudou o estatuto da Fábrica, adaptando-o ao Decreto-Lei nº 2627 de 26 de Setembro de 1940 que estabelecia regras mais rígidas para o funcionamento das sociedades anônimas ou companhias e para a fiscalização do funcionamento fosse da esfera federal, assim, a diretoria passou a ser composta por quatro membros, distribuída entre três diretores – gerentes e um diretor secretário, ampliando o corpo diretivo e melhor distribuindo as atribuições na gestão de cada diretor⁹⁴.

Apesar da curta duração na gestão da fábrica, a família Leão, que atuava em Alagoas no ramo açucareiro, conseguiu manter e ampliar a velocidade de produção e investimento da gestão anterior, otimizando os benefícios oferecidos aos operários, modernizando as instalações para o maquinário e implantando setores de emergência, maternidade e creche.

Após todo o investimento para a melhoria da fábrica e com o cenário produtivo e favorável para as indústrias têxteis no país, a Companhia União Mercantil foi vendida à família Othon bezerra de Mello.

Há aqui duas hipóteses: a primeira de que o grupo Leão, que comprou a indústria em 1938, tenha a vendido tão rapidamente, mesmo no período de grande fervor produtivo, em 1943 (durante a Segunda Guerra Mundial), por não ter conseguido se adaptar às demandas e resistências operárias, pois ao que se pode constatar, os Leões possuíam tradição ligada à cana-de-açúcar e à experiência bancária. Ou então, pelo fato de os Leões não terem capital suficiente para investir sobre o grande crescimento produtivo que então se ensaiava. (FARIAS, 2017, p. 97)

93 TAVARES, Marcelo Goes. Op. cit., p. 69

94 TAVARES, Marcelo Goes. 2016.

3.5. Na época da Fábrica Carmen: Gestão do grupo Othon – 1943 a 1996

Em 1943 o industrial pernambucano, Othon Lynch de Mello, comprou a Companhia União Mercantil que passou a ser denominada Othon Bezerra de Mello, Fiação e Tecelagem – Fábrica Carmen (figura 7) que “recebera este nome, porque o Dr. Alberto, um dos diretores da fábrica, tinha uma irmã que se chamava Carmen”⁹⁵, foi a primeira ação do grupo ao adquirir a empresa.

Othon desde sua juventude atuava no comércio de algodão e tecidos. Abriu sua primeira loja de tecidos em Recife e com o passar dos anos adquiriu mais quatro fábricas em Pernambuco, integrando a “Companhia de Tecido Bezerra de Mello”. Nos anos 1930 e 1940, expandiu seus negócios, adquirindo novas fábricas no estado do Rio de Janeiro e Minas Gerais e a Companhia União Mercantil de Alagoas que foi a última a ser adquirida por esse empresário⁹⁶. Este grupo foi o que permaneceu por mais tempo na administração da fábrica.

Fachada da Fábrica Carmen



Figura 23. Foto do autor, 2022

A Família Othon fazia residência temporária em Fernão Velho, no primeiro andar do “casarão” e se faziam presente diretamente no cotidiano da fábrica através de visitas periódicas.

95 TAVARES, Marcelo Goes. Op. cit., p. 79

96 TAVARES, Marcelo Goes. Op. cit., p. 776

Contudo, as visitas da família patronal tinham o intuito de inserir o operariado na disciplina fabril e de apresentar o patronato numa condição de superioridade frente à paupérrima classe operária, pois a presença da família Othon em Fernão Velho procurou mostrar-se como “bondosa” e caridosa para com os mais pobres. Através da fala da operária abaixo, que chegou em Fernão Velho em meados da década de 1930, pode-se perceber então a encenação do domínio do “Velho” (Othon Lynch Bezerra de Mello): Tinha aquela casa lá em cima, que ainda tem [...] Mas o Othon e dona Maria Auxiliadora vinham passar tempo; eles não moravam lá. Só quem morava lá era o dr. Alberto [filho do Othon Bezerra de Melo e diretor da Fábrica Carmen]. Aí quando o “velho” [Othon] chegava, ele já era um homem de idade, ele ficava naquela janela lá de cima [do casarão ou casa grande], aí pegava aquelas notinhas bem novinhas, de 2 reais, não sei de quanto era, aí jogava no chão, plá, na rua, era dinheiro para todo canto e ficava assim de menino para apanhar as notinhas tudo nova, novinha [risos]... ele achava uma graça, os meninos tudo correndo atrás para pegar o dinheiro (OPERÁRIA C). (Farias, 2017, p. 80)

Casarão



Figura 24. Fonte: Farias (2017, pg. 80)

O casarão está situado na parte central do bairro de Fernão Velho e atualmente há no local, vários comércios, tais como farmácia, oficina de carro, lojas de roupas e tem vários quartos alugados.

De acordo com Farias, a imagem abaixo mostra que a estrutura da fábrica com a parte central da vila operária, composta pela igreja católica, cineteatro, casarão, praça, balança e escola já estavam presentes na época em que a família adquiriu a fábrica e que os Othons fizeram algumas modificações no núcleo fabril, mas não mudaram a estrutura deixados pelos grupos anteriores.

Fábrica Carmen e parte da vila operária

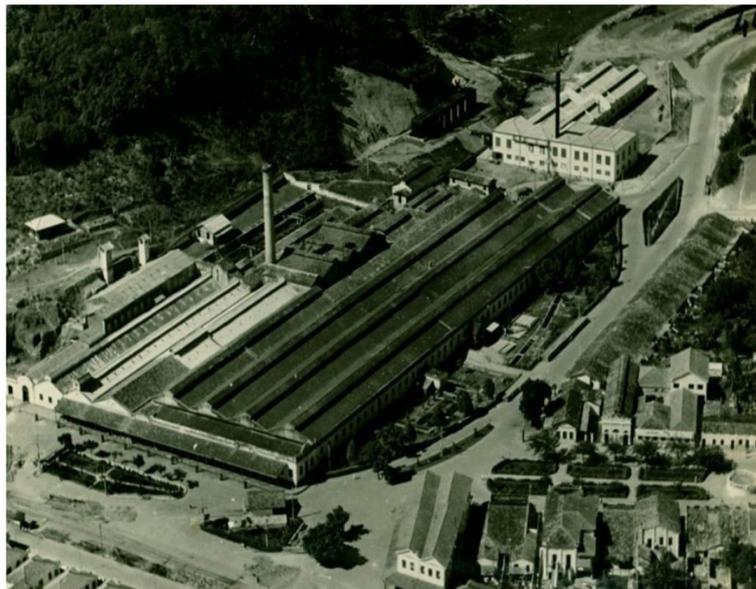


Figura 25. Fonte: Farias (2017, pg. 99)

Durante a gestão do grupo Othon houve a construção do Recreio Operário, em 1948, a ampliação e modificação da fachada da fiação, em 1962, reforma do casarão, em 1955 e construção do escritório da fábrica em 1952⁹⁷.

97 FARIAS, Ivo dos Santos. **Os fios de tecido da memória: a reconstrução do passado fabril de Fernão Velho (Maceió – AL): Do início dos anos 1950 a 1962.** 2017. Marília, 2017.

Recreio operário



Figura 26. Fonte: Pimentel, 1996

3.6. Condições de trabalho na Fábrica Carmen

Os operários da Fábrica eram compostos por homens, mulheres, jovens e idosos; enfermeiros, médicos, contadores, advogados, professores e um padre. Estas pessoas compunham o corpo de empregados da indústria que produzia, mas não dava condições de trabalho aos mesmos e ainda passavam por intimidações por parte de seus superiores. O ambiente fabril era, totalmente, insalubre. Nas diferentes seções e setores da fábrica, os riscos eram notáveis; a qualquer momento um operário poderia ser mutilado, machucado, incapacitado momentânea ou permanentemente. Em Fernão Velho, os trabalhos, somente, paravam quando os acidentes comprometiam todo o setor e a segurança dos trabalhadores⁹⁸.

3.7. Representações operárias – o sindicato

O Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem de Fernão Velho foi fundado no dia 03 de dezembro de 1939 e foi o primeiro sindicato têxtil de Alagoas com o propósito de defender os interesses dos trabalhadores da localidade

⁹⁸ TAVARES, Marcelo Góes. **Nas tecituras do trabalho operário**: a produção têxtil e a vida incerta na Fábrica Carmen em Fernão Velho – AL (anos 1940 – 1960). Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 12, n. 30, e0105, maio/ago. 2020.

e adequar-se à legislação trabalhista, além das demandas trabalhistas, os operários buscavam auxílio financeiro para medicamentos, material escolar, entre outros⁹⁹.

Para entender toda a trajetória de luta por melhores condições de trabalho, faz-se necessário compreender que

o operariado de Fernão Velho (bem como o de todo o Brasil) estava naquele contexto amparado pela Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), pelo Decreto-Lei 5.452, de 1º de maio de 1943, que em vários aspectos protegia os/as trabalhadores/as contra algumas determinações apontadas no parágrafo anterior, pois o decreto teve como sustentáculo: o máximo de oito horas diárias trabalhadas e em caso de hora-extra não exceder duas horas, mediante acordo escrito entre empregado e empregador (art. 59); descansos semanais e por jornadas de trabalho; salário mínimo sem distinção de sexo “[...] e capaz de satisfazer, em determinada época e região do País, as suas necessidades normais de alimentação, habitação, vestuário, higiene e transporte” (art. 76); férias remuneradas; iluminação e ventilação (natural ou artificial) adequada ao ambiente em que ocorria o trabalho; proteção à maternidade (seis semanas antes e seis depois do nascimento da criança), insalubridade, etc (FARIAS, 2017, p. 145)

Amparados por lei, o sindicato tinha respaldo para lutar pelos direitos dos seus associados.

3.8. Movimentos grevistas: Greve pelo salário-mínimo

No dia 11 de agosto de 1956, foi deflagrada uma greve na Fábrica Carmen devido ao não pagamento do novo salário-mínimo que teria sido aprovado e não foi pago, como prometera os donos da fábrica. O problema foi levado ao sindicato e lá os operários, que deveriam voltar ao trabalho às 13h para fechar o turno, resolveram paralisar as atividades, após ter uma resposta negativa do representante patronal. Uma comissão foi formada, entre os grevistas, para que o assunto fosse debatido e após reunião, os operários decidiram manter a greve, paralisando toda a tecelagem

⁹⁹ TAVARES, Marcelo Góes, 2020.

da fábrica. O movimento foi encerrado no mesmo dia, por volta das 17h, com chegada do delegado do trabalho, em companhia da polícia local¹⁰⁰.

3.9. Greve das tecelãs – Mulheres de Ferro

Em 20 de agosto de 1962, teve início a greve das tecelãs, que não aceitavam a imposição da Fábrica Carmen, que aumentou de quatro para seis o número de teares. Esta situação gerou insatisfação entre os operários, levando-as buscar mediação do sindicato. Houve uma assembleia sindical, na qual seria discutida uma solução e na reunião havia uma delegação de fábricas de Rio Largo e representantes de outras fábricas de Maceió além de um deputado estadual. Foram as tecelãs da Fábrica Carmen que rejeitaram as propostas da fábrica¹⁰¹.

Definiu-se que os proprietários precisariam de um período de 48h para avaliarem o pleito e ao fim, a representação patronal propôs a manipulação de cinco teares, o que não agradou os operários, culminando na paralisação do setor de tecelagem por três dias. Após a negociação, a empresa não teve como aumentar o número de teares, sem um acordo para o aumento do salário e acabou voltando atrás com o número de 4 teares por operário. No entanto, alguns dias após o fim da greve, três operárias foram presas, retiradas de seu local de trabalho pela polícia a mando da direção da fábrica, após passarem três dias presas, a Fábrica exigiu que pedissem demissão. As operárias grevistas se recusaram e, por isso, sofreram por anos intimidação dos contramestres da fábrica¹⁰². As prisões serviram como intimidação e represálias a quem tentasse lutar contra a fábrica.

Melo (2018) faz as seguintes considerações a cerca da greve:

- 1) o movimento foi originado pela insatisfação e recusa das tecelãs em trabalhar com 6 teares;
- 2) o sindicato participou ativamente das negociações com os patrões;
- 3) a participação feminina na greve foi maciça, possivelmente, maior que a masculina;
- 4) a participação feminina na greve foi diminuída nas atas do sindicato;
- 5) e a participação do sindicato e a

100 MELO, Airton de Souza. **Operários têxteis em Alagoas: organização sindical, repressão e vida na fábrica (1951 – 1964)**. Maceió. Fapeal: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018.

101 TAVARES, Marcelo Góes, 2020.

102 MELO, Airton de Souza. 2018, passim

importância do advogado, que esperavam um apoio maior para as reivindicações das tecelãs, foram diminuídas nos depoimentos, devido à dinâmica própria da construção da memória coletiva, que é seletiva; 6) possivelmente, houve casos de violência dentro do processo grevista e prisões de outros operários após seu término, os quais não afirmamos por não haver confirmação; 7) a greve era utilizada somente em último caso, pois os operários sabiam que, independente do resultado, conseqüentemente eles enfrentariam duras represálias dos patrões e não depositavam no Estado uma grande confiança. (p. 134)

Próximo de completar 160 anos de existência na produção de seus trabalhos, a fábrica começa a dar os primeiros sinais de paralisação de suas atividades. O mercado estava competitivo e a falta de interesse dos donos em investir em novos maquinários fez com que a fábrica se tornasse ultrapassada¹⁰³.

Em 1996 houve o primeiro fechamento da fábrica e um ano depois, em agosto de 1997, retorna suas atividades, com três sócios tendo o Grupo Othon Bezerra como um dos acionistas e com a vila operária pertencendo a prefeitura de Maceió. Nesse período houve a tentativa de formar uma cooperativa para manter a fábrica em funcionamento, mas por falta de apoio não foi viável e em 2010 a fábrica paralisou suas atividades definitivamente¹⁰⁴.

103 ANGELO, H.; FALCÃO, C.; VIANNA, M. Do pioneirismo ao esquecimento: as transformações urbanas de Fernão Velho, Maceió-AL. Ciências humanas e sociais. Alagoas, v. 5, n.1, p. 25 – 40. Nov. 2018

104 OLIVEIRA, Daniella Christina Acioli do Carmo. Op. cit., p. 147

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi de fazer um recorte histórico sobre a fundação da Indústria Têxtil, sua instalação, condições de trabalho, lutas trabalhistas e suas consequências na sociedade, relatando seu local de origem que foi na Inglaterra, como chegou ao Brasil, sua instalação em Alagoas, leis regentes na época e discorrendo, brevemente, sobre as 12 fábricas têxteis que deram início a industrialização no estado. Com ênfase ao desenvolvimento da Fábrica Carmen, que foi a primeira fábrica a ser instalada no estado, que estava situada no bairro de Fernão Velho em Maceió-AL.

O primeiro passo do trabalho foi descrever sobre a Revolução Industrial, marco que deu início a formação da Indústria Têxtil na Inglaterra, relatar sobre os impactos gerados que ocorreram devido a drástica mudança; sobre as condições que os trabalhadores eram tratados no ambiente de trabalho, condições de trabalhos que eram precárias, fato este que culminou em formações de grupos que pretendiam defender os direitos dos trabalhadores, surgindo então, os movimentos operários que futuramente vieram a se transformar em sindicatos, que defenderam os direitos e deveres dos trabalhadores.

A pesquisa realizada mostrou toda uma luta que existiu por trás da formação e concretização dos trabalhos da Indústria Têxtil. Os autores foram minuciosos em descrever todas as mudanças que ocorreram na produção e na sociedade no decorrer do tempo e sua expansão para todo o mundo. Discorrendo sobre a transição do instrumento de trabalho, desvalorização do homem enquanto trabalhador e ser humano e as lutas trabalhistas para que estes tivessem um mínimo de humanidade em seu ofício.

Diante do que foi exposto na presente monografia, percebeu-se a necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre os movimentos operários, sobre as fábricas têxteis em Alagoas e sobre o processo de formação dos sindicatos, tudo isso para um melhor esclarecimento à sociedade como um todo. Tendo em vista que as lutas trabalhistas de anos atrás trouxeram melhorias ao ambiente de trabalho, tornando-o humanizado e geraram grandes impactos nas leis trabalhistas atuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALAGOAS. **Lei n. 5.347, de 27 de maio de 1992.** Dispõe sobre a Área de Proteção Ambiental do Catolé e de Fernão Velho e dá outras providências correlatas. Disponível em: <http://www.semarh.al.gov.br/unidades-de-conservacao-apa-do-catole-e-fernao-velho/legislacao>. Acesso em: 19 jul. 2019.

2. ANGELO, H.; FALCÃO, C.; VIANNA, M. **Do pioneirismo ao esquecimento:** as transformações urbanas de Fernão Velho, Maceió-AL. Ciências humanas e sociais. Alagoas, v. 5, n.1, p. 25 – 40. Novembro, 2018. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/fitshumanas/article/view/6087>. Acesso em: 07 jul 2020

3. BEZERRA, Juliana. **Revolução Industrial.** 2019. Disponível em: <https://www.significados.com.br/revolucao-industrial/>. Aceso em: 08 ago 2021.

4. CARVALHO, Cícero Pericles de. **Formação histórica de Alagoas.** 3 ed rev e ampl. Maceió: EDUFAL, 2015. 352 p.:il.

5. CAVALCANTE, Z. V.; SILVA, M. L. S. **A importância da Revolução Industrial no mundo da Tecnologia.** In: EPCC – Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar, 7,. 2011, Maringá. Anais eletrônicos...Maringá: Cesumar, 2011. Disponível em: https://www.unicesumar.edu.br/epcc-2011/wp-content/uploads/sites/86/2016/07/zedequias_vieira_cavalcante2.pdf. Acesso em: 1 jun. 2021.

6. CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração:** uma visão abrangente da moderna administração das organizações. 7. ed. rev e atual. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

7. COGGIOLA, Osvaldo. **Os inícios das organizações dos trabalhadores.** São Paulo, v. 03, n. 02, p. 11 – 20, ago. 2010. Disponível em :

<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/aurora/issue/view/123>. Acesso em: 13 jun 2021.

8. COSTA, Shirley; BERMAN, Debora; HABIB, Roseane Luz. **150 anos da indústria têxtil brasileira**. Rio de Janeiro: SenaiCetiq/Texto&Arte, 2000.

9. ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução B. A. Schumann; supervisão, apresentação e notas José Paulo Netto. [Edição revista]. São Paulo: Boitempo, 2010. 388p.

10. FAPEAL- Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas. **Tecelagem da memória: o algodão e as vilas operárias em Alagoas**. Calendário 2012.

11. FARIAS, Ivo dos Santos. **Dominação e resistência operária no núcleo fabril de Fernão Velho/AL (1953-1962)**. 2012. Dissertação (Pós-graduação em Sociologia) – universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012.

12. FARIAS, Ivo dos Santos. **Os fios de tecido da memória: a reconstrução do passado fabril de Fernão velho (Maceió – AL): Do início dos anos 1950 a 1962**. 2017. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2017. 275 f.

13. FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS. **Trajetória da Indústria em Alagoas: 1850/2017** / Federação das Indústrias do Estado de Alagoas ; Instituto Euvaldo Lodi. – 1. ed. – Maceió: FIEA, 2018. 171 p. : Il.

14. FORNAZIERI, L. L. **Revolução Industrial**. Historiando. 2015. Disponível em: <https://historiandonanet07.wordpress.com/2015/09/09/revolucao-industrial/>. Acesso em: 09 ago 2021

15. FUJITA, R. M. L., JORENTE, M. J. **A indústria têxtil no Brasil: uma perspectiva histórica e cultural**. Revista ModaPalavra e-Periódico. Vol. 8, n.15. Jan./Jul. 2015.

16. HISTÓRIA EM CARTAZ. **[Arquivo H] Revolução Industrial | Relatos sobre o trabalho infantil nas fábricas**. 2015. Disponível em: <http://historiaemcartaz.blogspot.com/2015/10/arquivo-h-revolucao-industrial-relatos.html>. Acesso em: 08 ago 2021

17. HOBBSAWM, Eric. **A era das revoluções: 1789 – 1848**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2010.

18. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Vista aérea da Companhia Pilarense de Fiação e Tecidos: Pilar, AL**. Acervo dos Municípios Brasileiros. Fotografia. 2019. Disponível em: < <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?view=detalhes&id=427365> >. Acesso em: 23 mar. 2020.

19. KLAUCK et all. **Tempos modernos – A Revolução Industrial e suas consequências**. XII Seminário de Estudos Históricos. Profissão, professor: desafios no Ensino de História, 2015. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/075f4d57-795c-4e38-8fc1-9da87f20ad07/Thomas%20Klauck.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2021.

20. LIMA, José Roberto Santos. **História de Alagoas**. Maceió – UFAL/CHLA – DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA (NOTAS DE AULA). 1998.

21. LIMA, E. C. de; NETO, C. R. de O. **Revolução Industrial: considerações sobre o pioneirismo industrial inglês**. v. 17 n. 194 (2017): Revista Espaço Acadêmico, n. 194, julho de 2017

22. LONGHI, T. C.; SANTOS, F. A. N. V. **Uma análise crítica das condições de trabalho na indústria têxtil desde a industrialização do setor até os dias atuais.** HFD Revista, v.5, n.10, p.73-90, ago/dez 2016

23. MACEIÓ. **Lei n. 4.852, de 06 de janeiro de 2000.** Altera a lei nº 4.687/98, que dispõe sobre o perímetro urbano de Maceió, a divisão do município em regiões administrativas e inclui o abairramento da zona urbana e dá outras providências. Disponível em: <https://leimunicipais.com.br/AL/MACEIO/LEI-4952-2000-MACEIO-AL.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2019.

24. MACIEL, Osvaldo Batista Acioly (Org.). **Operários em movimento: documentos para a história da classe trabalhadora em Alagoas (1870 – 1960).** Maceió. EdUFAL, 2007. 188 pg.

25. MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **O senhor da pedra: os usos da memória de Delmiro Gouveia (1940-1980)**, 2008. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2008. 314p.: il

26. MELO, Airton de Souza. **Operários têxteis em Alagoas: organização sindical, repressão e vida na fábrica (1951 – 1964).** Maceió. Fapeal: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018.

27. MENDES, Maria. **Primeira Revolução Industrial.** 2018. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/primeira-revolucao-industrial>. Acesso em: 04 jun. 2021

28. MOURA, Ernande Bezerra de. **Linha do tempo.** 2011. Disponível em: < <https://ernande-bezerra.webnode.com.br/products/mais-10/> >. Acesso em: 26 abr. 2020

29. NEIRA, Luz Garcia. **Design, educação, cultura:** origens do projeto têxtil no Brasil. Revista Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro, v.6, n.1, p. 78 – 88, jan/jun 2013.

30. NIVEAU, M. **Histórias dos fatos econômicos contemporâneos.** 1969. Ed. Difil.

31. NUNES, Isaias Barbosa. **O trabalho infantil na Revolução Industrial Inglesa:** uma contribuição ao trabalho docente na sétima série. Artigo científico. PDE – Programa de Desenvolvimento Educacional. Núcleo de Educação de Curitiba. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1397-8.pdf>. Acesso em: 10 jul 2021.

32. OLIVEIRA, Daniella Christina Acioli do Carmo. **A perda nos processos de patrimonialização:** Vila Operária como Patrimônio Cultural. 211 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/OLIVEIRA_Daniella-Dissertacao_Mestrado.pdf. Acesso em: 27 out 2021.

33. PIMENTEL, Jair Barbosa. **Fernão Velho.** Bairros de Maceió. 1996. Disponível em: <http://www.bairrosdemaceio.net/bairros/fernao-velho>. Acesso em: 07 jan. 2020.

34. PROJETO HISTÓRIA. **Do artesanato à manufatura.** Linha do tempo. 2011. Disponível em: <http://historianointerior.blogspot.com/2011/07/8-ano-resumo-do-capitulo-1-do.html>. Acesso em: 08 ago 2021.

35. RIO DE JANEIRO. **Decreto nº 19.739, de 7 de Março de 1931.** Providencia sobre a organização da estatística industrial e regula a importação de maquinismos e aparelhos para as indústrias em superprodução. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19739-7-marco-1931-514626-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 18 out. 2021.

36. RODRIGUES, R. L.; HIDAKA, L. T . F. **Conservação do Patrimônio Industrial em Debate:** o caso do sítio industrial da antiga Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos, em Rio Largo/AL. In: 1º Simpósio Científico ICOMOS Brasil, 01., 2017. Belo Horizonte.

37. SALDANHA, A. NERI. A Indústria Têxtil, o Decreto Nº 19.739 e a Legislação Trabalhista. Termo in: Alberto Saldanha. **A indústria Têxtil, a classe operária e o PCB em Alagoas.** Maceió, 2011.

38. SANTOS, Ana Cristina Marques dos. **Análise socioambiental da ocupação humana em Fernão Velho.** 2018. 83 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

39. Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos. APA do Catolé e Fernão Velho. 2021. Disponível em: <http://www.semarh.al.gov.br/unidades-de-conservacao/apa-do-catole-e-fernao-velho/apa-do-catole-e-fernao-velho>. Acesso em: 11 jan 2021

40. Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento – SEMPLA. **Diagnóstico de Fernão Velho.** Maceió – AL. 2013. Disponível em: www.licitacao.maceio.al.gov.br/baixar/anexo/611/2100. Acesso em: 02 jul. 2019.

41. SILVA, Bruno Bianchi Gonçalves da. **Indústria têxtil no Nordeste: A experiência de Alagoas e Sergipe**. 2019. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente. Curso de Geografia. Maceió, 2019.

42. STEIN, Stanley J. **Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil – 1850/1950**. Rio de Janeiro: Editora Campus LTDA, 1979. p.158.

43. TAVARES, Marcelo Góes. **Do tecer da memória ao tecido da história: Operários, trabalho e política na indústria têxtil em Fernão Velho (Maceió, Al, 1943 – 1961)**. Tese (Doutorado em história) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

44. TAVARES, Marcelo Góes. **No frenesi de uma vila operária: histórias de vida, cultura e sociabilidades em Fernão Velho (Maceió-al, 1940-1950)**. In: XIII Encontro Nacional de História Oral. História oral, práticas educacionais e interdisciplinariedade., 2016, Rio Grande do Sul. Disponível em: https://www.encontro2016.historiaoral.org.br/resources/anais/13/1462083719_ARQUIVO_NOFRENESIDEUMAVILAOPERARIA_ABHO2016.pdf. Acesso em: 27 out. 2021

45. TAVARES, Marcelo Góes. **Territórios fabris no ramo têxtil em Alagoas e fisiografias urbanas em Maceió (1857-1943): histórias e representações**. Revista Franco-Brasileira de Geografia, nº 40. 2019. Disponível em: < <http://journals.openedition.org/confins/20309> >; DOI: < <https://doi.org/10.4000/confins.20309> >. Acesso em: 07 jul 2020.

46. TAVARES, Marcelo Góes. **Nas tecituras do trabalho operário: a produção têxtil e a vida incerta na Fábrica Carmen em Fernãil Velho – AL (anos 1940 – 1960)**. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 12, n. 30, e0105, maio/ago. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5965/2175180312302020e0105>. Acesso em: 21 jul 2021

47. TENÓRIO, D. A.; LESSA, G. L. **O ciclo do algodão e as vilas operárias.** Maceió: Sebrae, 2013. 144p.

48. TICIANELI. **Comendador Teixeira Basto, pioneiro da indústria têxtil de Rio Largo.** Opinião, personalidades. 2015. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/comendador-teixeira-basto-pioneiro-da-industria-textil-de-rio-largo.html>. Acesso em: 26 fev. 2020

49. TICIANELI. **Gustavo Paiva, o comendador dos operários de Rio Largo. Personalidades.** 2015. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/gustavo-paiva-o-comendador-dos-operarios-de-rio-largo.html> Acesso em: 27 fev. 2020

50. TICIANELI. **Fernão velho dos pescadores e da fábrica de tecidos.** Memória urbana. 2016. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/fernao-velho-dos-pescadores-e-da-fabrica-de-tecidos.html>. Acesso em: 22 jul. 2019

51. TICIANELI. **Companhia de Fiação e Tecidos Norte-Alagoas e a Fábrica de Saúde.** 2020. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/companhia-de-fiacao-e-tecidos-norte-alagoas-e-a-fabrica-de-saude.html> >. Acesso em: 18 ago. 2020.

52. TICIANELI. **A fábrica Alexandria do Bom Parto.** Memória urbana. 2022. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/a-fabrica-alexandria-do-bom-parto.html>. Acesso em: 30 jan. 2022.

53. TAVARES, Marcelo Góes. **Territórios fabris no ramo têxtil em Alagoas e fisiografias urbanas em Maceió (1857-1943):** histórias e representações. Revista Franco-Brasileira de Geografia, no 40. 2019. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/20309> >; DOI: <https://doi.org/10.4000/confins.20309> >. Acesso em: 07 jul 2020.